

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

TAMMY TICIANE LOCALI

**UM ESTUDO SOBRE TRABALHO E EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS
NO SETOR DE JOIAS E BIJUTERIAS EM LIMEIRA**

**SÃO CARLOS
2011**

**UM ESTUDO SOBRE TRABALHO E EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS
NO SETOR DE JOIAS E BIJUTERIAS EM LIMEIRA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

TAMMY TICIANE LOCALI

**UM ESTUDO SOBRE TRABALHO E EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS
NO SETOR DE JOIAS E BIJUTERIAS EM LIMEIRA**

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação, para a obtenção do
título de Mestre em Educação.
Orientador: Prof. Dr. Luiz
Bezerra Neto**

**SÃO CARLOS
2011**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

L811et

Locali, Tammy Ticiane.

Um estudo sobre trabalho e educação das crianças no
setor de jóias e bijuterias em Limeira / Tammy Ticiane
Locali. -- São Carlos : UFSCar, 2011.
98 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2011.

1. Educação. 2. Trabalho infantil. 3. Trabalho familiar. 4.
Trabalho terceirizado. 5. Trabalho exploratório. I. Título.

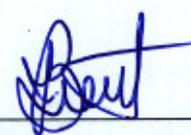
CDD: 370 (20^a)

BANCA EXAMINADORA

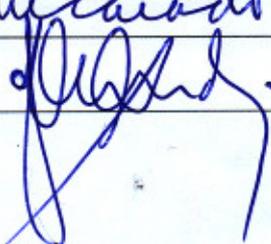
Prof. Dr. Luiz Bezerra Neto

Prof^a. Dr^a Kátia Regina Moreno Caiado

Prof. Dr. José Claudinei Lombardi



Luiz Bezerra Neto



Kátia Regina Moreno Caiado

Dedico este trabalho a todas as crianças que, com um brilho no olhar
e dores nas mãos, conseguem ver em cada peça trabalhada
a esperança de um futuro melhor.

AGRADECIMENTOS

À FAPESP, que contribuiu para a execução desta dissertação, dando o auxílio financeiro necessário para que pudesse ser realizada com dedicação em tempo integral.

Ao Prof. Dr. Luiz Bezerra Neto, pela orientação e, acima de tudo, pela paciência que tem demonstrado comigo, desde o dia em que reafirmei minha vontade de tê-lo como orientador e amigo.

À banca examinadora, pela leitura minuciosa da dissertação e pelas críticas que só me auxiliaram em uma nova leitura do trabalho.

Aos meus pais, José Eduardo e Denise, pela confiança e incentivo que me deram, tanto com auxílio amoroso quanto financeiro.

Às pessoas da cidade de Limeira que tornaram possível minha inserção na realidade do mundo do trabalho infantil com as semijoias.

Aos amigos que conquistei ao longo destes anos, pela amizade verdadeira, pelo companheirismo e pela cumplicidade.

Ao grande companheiro Dener que, dia após dia, reafirma sua paciência, carinho, amizade e amor, tolerando meus momentos de desespero e ansiedade.

E, finalmente, às pessoas que participam de todos os momentos da minha vida, e que eu tanto amo, Eduardo e Tassiane, meus irmãos queridos.

Se a existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva natural, mas tem de ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois, um produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce pronto, mas tem que se tornar homem.

Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência, Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo.

A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo.

(LOMBARDI, 2010, p. 232).

RESUMO

O trabalho infantil tem sido apresentado à sociedade muitas vezes por meio do trabalho em família. No entanto, na cidade de Limeira, o trabalho infantil ganhou repercussão após a dissertação de Marcos Antonio Libardi Ferreira (2005) ser publicada. Intitulada “Estudos de risco à saúde do trabalhador e ao meio ambiente na produção de joias e bijuterias em Limeira-SP”, seu autor denuncia a existência de seis mil crianças, entre onze e dezesseis anos, trabalhando no setor. Tal situação tem se mostrado recorrente, principalmente entre famílias que se veem obrigadas a passar trabalho aos filhos, para que, assim, possam angariar fundos e suprir as necessidades básicas da família. A investigação “Um estudo sobre trabalho e educação das crianças no setor de joias e bijuterias em Limeira”, tem como objetivo preencher uma lacuna existente na área da educação, uma vez que não existem pesquisas referentes ao tema, no setor industrial de semijoias em Limeira - município que é considerado a capital brasileira das joias folheadas -, e que poucos são os trabalhos que dão ênfase aos aspectos simbólicos, culturais e históricos desse tipo de pesquisa. Para responder as questões norteadoras, este trabalho será fundamentado, teoricamente, a partir de uma base literária que trate sobre o tema e terá um caráter mais empírico, por meio de questionários com perguntas formais e informais, esclarecendo como se dá o processo de produção das peças, além de entrevistas semiestruturadas com alunos da *Emeief Professora Maria Aparecida de Luca Moore*, localizada no Parque Residencial Aeroporto, na cidade de Limeira, que atende crianças que executam o trabalho com joias em casa. Os questionários e as entrevistas visam verificar as condições de trabalho dessas crianças em seus domicílios, buscando coletar o maior número de informações sobre suas condições de trabalho e as consequências desse trabalho dentro e fora de sala de aula.

Palavras-chave: Trabalho Infantil. Educação. Trabalho Familiar/Domiciliar. Trabalho Terceirizado. Trabalho Exploratório.

ABSTRACT

Child labor has been often presented to society through family labor, being that, in the city of Limeira, it gained repercussion after the publication of the dissertation written by Marcos Antonio Libardi Ferreira (2005) entitled 'Estudos de risco à saúde do trabalhador e ao meio ambiente na produção de joias e bijuterias em Limeira-SP', which denounced the existence of six thousand children between the ages of eleven and sixteen years old working in the sector. This situation has showed itself recurrent, mainly in families which have found themselves obligated to assign services to their children, so they can raise funds and meet at least their basic necessities. The investigation project 'Um estudo sobre a atividade das crianças no setor de joias e bijuterias em Limeira', aims to fill an existent gap in the educational area, due to the fact that there are not researches referring to the theme in the sector of semi-jewels in Limeira, county which is considered the Brazilian capital of veneers and being few the jobs which give emphasis to the symbolic, cultural and historical aspects of this type of research. In order to answer the leading questions, this work is based on a whole theoretical structure, coming from a literary background about the subject and having a more empirical character which will be verified by questionnaires with formal and informal questions, clarifying how the process of production of the pieces is given, besides semi-structured interviews with students from *Emeief Professora Maria Aparecida de Luca Moore*, located at the Parque Residencial Aeroporto in Limeira, school that assists children who work with semi-jewels inside their homes, in order to verify their labor conditions, searching for gathering as much information as possible about these conditions and the consequences of this labor inside and outside the classroom.

Keywords: Child labor. Education. Family labor/housework. Outsourced labor. Exploited labor.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACIL	Associação Comercial e Industrial de Limeira
ALJ	Associação Limeirense de Joias
APEOESP	Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo
CETESB	Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental
CIOSL	Organizações Sindicais Livres
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DORT	Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEC	Programa Internacional para Eliminação do Trabalho Infantil
JUCESP	Junta Comercial do Estado de São Paulo
LER	Lesão por Esforço Repetitivo
SEDAE	Sistema Estadual de Análise de Dados
SINDIJOIA	Sindicato da Indústria de Joias
ONU	Organização das Nações Unidas
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. Indicadores de pessoas de 5 a 17 anos de idade, por grupos de idade –
2008 29

GRÁFICOS

GRÁFICO 1. Distribuição das pessoas ocupadas de 10 ou mais de idade, por classes de rendimento no trabalho principal - 2006-2008

19

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1.	Localização de Limeira – SP	33
IMAGEM 2.	Trabalho com solda	38
IMAGEM 3.	Máquina Trefiladeira	41
IMAGEM 4.	Impressão no Grafite	42
IMAGEM 5.	Impressão no Aço	43
IMAGEM 6.	Peça modelo	43
IMAGEM 7.	Solda	48
IMAGEM 8.	Foto do acervo pessoal da Presidente da Associação de Moradores do bairro onde foi feita a pesquisa, no dia 13/12/2010, contendo a imagem do bairro no início da sua ocupação	56
IMAGEM 9.	Foto do acervo pessoal da Presidente da Associação de Moradores do bairro onde foi feita a pesquisa, no dia 13/12/2010, contendo a imagem do saneamento básico do bairro na sua ocupação	57
IMAGEM 10.	Cartazes	59
IMAGEM 12.	Imagem do trabalho executado com solda fria	67
IMAGEM 13.	Imagem do trabalho feito com solda quente	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1	25
Expropriação sobre a força de trabalho no setor de joias e bijuterias e a participação do trabalho infantil nesse setor	25
1.1 O retrato brasileiro.....	25
1.2 A cidade de Limeira	33
1.3- Expropriação da força de trabalho infantil em Limeira: reflexo de uma realidade mundial	34
1.4 Perfil da produção de jóias folheadas e bijuterias na cidade de Limeira, SP.	39
1.5 Os males causados pelos ácidos na produção de joias e bijuterias.....	50
1.6 O trabalho no setor de joias e bijuteria na cidade de Limeira.	52
1.7 Identificação do bairro e da escola estudada.	55
1.8 “Eu só ajudo em casa”.....	60
1.9 “É no seio familiar que se encontra o conforto do trabalho”.....	63
CAPÍTULO 2	74
Relação entre trabalho e educação: as influências que o trabalho exerce na educação das crianças que são expropriadas, inclusive, do direito à educação.....	74
2.1 “O trabalho de pai para filho”.....	74
2.2. O trabalho infantil pode ter um caráter educativo?	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95

INTRODUÇÃO

Este texto, apresentado em forma de dissertação, tem o intuito de discutir a realidade educacional do trabalhador infantil no setor de joias folheadas e bijuterias na cidade de Limeira, interior do Estado de São Paulo, além de contextualizar esse tipo de trabalho, tomando por base as leis e os estudos teóricos realizados por outros estudiosos, bem como os dados colhidos durante a realização da pesquisa. Ao longo da dissertação, faz-se uma reflexão histórica sobre o trabalho infantil, e se aborda o trabalho de crianças no setor de joias em Limeira, relacionando-o com a educação e com os riscos desse trabalho à saúde das crianças.

Inicialmente foi feito um levantamento sobre como se dá a produção das peças em uma indústria de joias e quais os ácidos usados nesse processo, para evidenciar o quanto é insegura a produção dessas peças nos domicílios sem a devida proteção – principalmente no que diz respeito ao manejo dos ácidos – e quais as consequências desse trabalho para as pessoas que o executam sem as ferramentas e o maquinário adequados, ressaltando quão perigoso é o exercício dessas funções quando executadas por crianças e adolescentes que não estão aptos para esse trabalho.

Pensando assim, restringiu-se o universo da amostra sobre o trabalho infantil a uma única Unidade Escolar e a um único bairro – o qual foi constituído por meio de ocupação de terras pelos munícipes –, para que se pudesse melhor explorar esse universo, uma vez que se trata de uma pesquisa qualitativa.

As entrevistas foram realizadas com professores que atuam na escola em que grande parte dessas crianças trabalhadoras estuda, com a diretora da Unidade Escolar, com alunos que trabalham nesse setor além de pais, representantes do bairro pesquisado, e assistentes sociais, um vereador, alguns representantes da Comissão de Erradicação do Trabalho Infantil e com empresários do setor.

Para fundamentar a parte teórica do trabalho, foram utilizados alguns autores que trataram da questão do trabalho infantil e da relação desse trabalho com a educação, ao longo dos tempos, tais como: Marx, Engels, Marques, Abreu, Sorj, Jorge, Pistrak, Lombardi, Manacorda entre outros, além de leis como a Constituição Federal, o

Estatuto da Criança e do Adolescente e as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Para o entendimento de como a criança é inserida no mundo do trabalho e qual a influência desse trabalho para a sala de aula, este texto traz o conceito de trabalho e suas variações ao longo das décadas, até compreendermos como esse trabalho chega à casa das crianças que manipulam as joias e bijuterias em Limeira.

Retomando o debate sobre o trabalho ao longo da história, buscou-se compreender os mecanismos utilizados para a expropriação da força de trabalho infantil, verificando-se que o fato de as crianças trabalharem de maneira informal, nos dias atuais, não se mostra um fato novo e nem mesmo inédito, uma vez que essa situação já vem sendo mostrada em muitos estudos. Marx, analisando a fase inicial do capitalismo, explica que, com a expulsão dos trabalhadores do campo, a única coisa que lhes restou para vender era a sua força de trabalho. Assim, esse autor entende que:

(...) o movimento histórico, que transforma os produtores em trabalhadores assalariados, aparece, por um lado, como sua libertação da escravidão e da coação corporativa, e esse aspecto é o único que existe para nossos escribas burgueses da História. Por outro lado, porém, esses recém libertados só se tornam vendedores de si mesmos depois que todos os seus meios de produção e todas as garantias de sua existência, oferecidas pelas velhas instituições feudais, lhes foram roubadas. E a história dessa sua expropriação está inscrita nos anais da humanidade com traços de sangue e fogo. (MARX, 2004, p.341)

A expulsão e a expropriação dos moradores do campo não apenas retiraram dos trabalhadores seus meios de subsistência, mas criaram um mercado interno para o capital industrial. Esses meios de subsistência e a matéria-prima utilizada tornaram-se mercadorias, que o arrendatário vende e encontra, nessas manufaturas, o seu mercado. As mercadorias produzidas pela família para o próprio consumo como roupas, por exemplo, se tornaram artigos de manufatura cujos consumidores eram os próprios moradores dos distritos rurais. A clientela, dispersa, acabou por se tornar um grande mercado industrial (MARX, 2004, p. 367).

Esses trabalhadores do campo viviam longe das cidades e dificilmente iam até ela, uma vez que entregavam os fios e os tecidos a agentes itinerantes mediante o pagamento de um salário. Com o advento da industrialização, os moradores próximos às cidades foram despojados de seu ganha-pão e obrigados a procurar trabalho nas cidades. A veloz expansão da indústria determinou a demanda de mais braços, com isso os

milhares de trabalhadores das regiões agrícolas migraram para as cidades, surgindo, assim, as grandes cidades industriais e comerciais, onde pelo menos três quartos da população faziam parte da classe operária (ENGELS, 2010, p.59).

Está posta a situação da criança trabalhadora, que deve ficar muitas horas na fábrica para auxiliar no sustento da família, quando não é ela a única responsável pela principal renda familiar, uma vez que muitas indústrias contratavam crianças por não necessitarem de um trabalho qualificado e por ser a mão de obra infantil muito mais barata que a dos adultos, impondo uma situação degradante à vida das crianças, como se pode observar:

(...) o trabalho mais nocivo é o dos runners, que são, em sua maioria, crianças pequenas, de sete anos, quando não de cinco ou quatro – o inspetor Grainger chegou a encontrar um menino de dois anos ocupado nesse trabalho. Seguir com os olhos um longo fio que, com a ajuda de uma agulha, deve ser retirado da trama logo que o desenho estiver concluído, é um trabalho muito fatigante para a vista, especialmente quando, como é comum, a jornada é de quatorze a dezesseis horas. Na melhor das hipóteses, o resultado é uma grave forma de miopia; na pior, e mais freqüente, uma cegueira incurável que deriva da amaurose. Ademais, obrigadas a uma postura sempre curvada, as crianças tornam-se fracas, tem a caixa torácica estreitada e a má digestão favorece a escrofulose; nas mocinhas, são generalizados os distúrbios uterinos; igualmente generalizado é o desvio da coluna vertebral – o que faz com que os runners “sejam reconhecidos pelo modo de caminhar”. (ENGELS, 2010, p. 226-227)

Não podemos deixar de salientar que o trabalho, quando exercido por uma criança, diária e compulsivamente, pode trazer malefícios para sua saúde física e mental. Esses malefícios, evidentes nas palavras de Engels, vão aparecer ao longo da dissertação, e vamos demonstrar que, nos dias atuais, as crianças que trabalham com as joia e bijuterias também se queixam de dores nas costas, na vista e, até mesmo, da perda de digitais – o que nos remete à situação encontrada nos primórdios do capitalismo. A situação atual, no entanto, talvez se mostre com menor intensidade, pois as crianças estão, agora, amparadas por Leis e por órgãos governamentais, porém, é necessário investigar se essas medidas de proteção não se tornaram apenas uma “camuflagem” para que muitos trabalhadores infantis, espalhados pelo globo terrestre, trabalhassem à margem da Lei.

O trabalho infantil, considerado um trabalho exploratório, tem sofrido reformulações, ao longo da história do capitalismo, as quais expressam a disputa do

capital pela hegemonia da sociedade. O trabalho como atividade humana é concebido de diversas maneiras e o seu valor é adaptado aos interesses de cada época, pois é ele que sustenta a engrenagem do capitalismo.

Nos dias atuais, muito tem se falado em terceirização dos processos de produção, mas, se observarmos mais a fundo, perceberemos que esse fato não é novo, trata-se, na verdade, de uma forma de (re)criação do trabalho domiciliar como o executado nos primórdios do sistema capitalista. Essa característica é mais evidente nos países em desenvolvimento, como o Brasil, mas vem difundindo-se em âmbito mundial uma vez que a globalização vê na terceirização uma maneira de reduzir os custos da produção, pois transfere aos trabalhadores os encargos como energia, equipamento, espaço de trabalho, além de não criar um vínculo legal com os funcionários (ABREU;SORJ;JORGE, 1994, p.63).

Difunde-se, então, essa forma de trabalho, que, por meio da globalização econômica, política e cultural, e da abertura dos mercados, integra países como o Brasil ao mercado internacional, onde está em curso um processo mais geral de reestruturação do capitalismo e da produção, na busca de um novo padrão de desenvolvimento. Esse mercado acaba, então, por agregar o trabalho infantil, trazendo para a informalidade essas pequenas criaturas¹ que veem no trabalho a fonte do sustento imediato.

Corroborando com esta concepção, Franco (2001) vem afirmando que a economia americana tem criado novos postos de trabalho, principalmente nos setores de baixa remuneração e, em geral, com contratos por tempo limitado. Na América Latina, o fenômeno encontra um agravante que é o mercado informal dos subempregados, dos autônomos, e dos vendedores ambulantes, que, no Brasil, em estimativa de 2001, eram mais de 50% da população economicamente ativa (FRANCO, 2001, p. 101). E esse mercado acaba por agregar o trabalho das crianças, como é possível perceber nas palavras de Kosminsky:

Parcelas significativas das famílias brasileiras permaneceram abaixo do limite da pobreza absoluta, sem qualquer perspectiva futura de serem minimizados, em curto período de tempo, seus problemas mais imediatos: a fome, a falta e/ou a precariedade das habitações, o desemprego crônico. (...) o agravamento da desigualdade social pesou

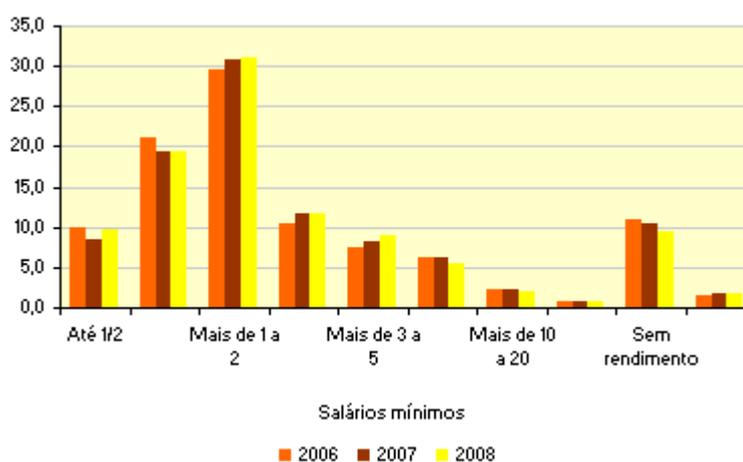
¹ Refiro-me às crianças como pequenas criaturas pelo fato de se tornarem pequenas ante o fato de lhes serem tiradas uma grande e preciosa parte da sua vida, que deveria ser destinada aos estudos, às brincadeiras e ao lazer e não ao trabalho exploratório que visa ajudar no sustento da família, sem que percebam o quanto isso é injusto.

duramente sobre a população jovem, mais propriamente sobre as crianças de zero a nove anos. (KOSMINSKY, 1993, p. 187)

Buscando amenizar essa situação de miséria e/ou pobreza absoluta em que vivem grandes parcelas da sociedade brasileira, e procurando auxiliar, ao menos em parte, nas necessidades mais básicas de suas famílias, é que as crianças adentram no mercado de trabalho infanto-juvenil no Brasil – como comprovam as entrevistas realizadas com as crianças e com seus familiares, bem como com seus professores, nas quais se reafirma que muitas crianças trabalham com os pais na fabricação das peças para ajudar no orçamento familiar, ou o fazem de forma indireta, cuidando dos afazeres domésticos ou até mesmo dos irmãos menores para que os pais, principalmente a mãe, possam trabalhar com a bijuteria.

Nesse sentido, conforme os dados disponibilizados pelo IBGE, foi possível verificar que grande parcela dos trabalhadores brasileiros situa-se na faixa em que o salário pago não ultrapassa dois salários mínimos, o que representa árdua tarefa de se viver com uma renda baixa, sobretudo, se considerarmos que, na maioria das famílias, apenas os pais exercem atividades remuneradas, com o objetivo de sustentar toda a família.

Gráfico 1 - Distribuição das pessoas ocupadas de 10 ou mais de idade, por classes de rendimento no trabalho principal - 2006-2008



FONTE: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2007.

Não podemos deixar de salientar que os números sobre o trabalho infantil pode ser ainda maior ao considerarmos o fato de que muitas famílias, ao serem contatadas para pesquisa, acabam por omitir o trabalho infantil no seio familiar, com medo de represálias.

Limeira, não apresenta uma realidade diferente daquela que se verifica em outras partes do país. E é nesse cenário, com essa mão de obra terceirizada e, muitas vezes, de baixa qualificação que as empresas encontraram o espaço ideal para estruturarem sua produção. No entanto, para não configurar irregularidade, o trabalho infantil é *camuflado* pelas empresas, pelos pais e pelas próprias crianças, assim como por grande parte dos moradores do bairro em questão, e o trabalho infantil passa a ser apresentado como trabalho em família.

Na cidade de Limeira, entretanto, esse trabalho ganhou repercussão após a dissertação de mestrado de Marcos Antonio Libardi Ferreira (2005) ter sido publicada. Em seu trabalho acadêmico, o autor denunciava a existência de seis mil crianças, entre onze e dezesseis anos de idade, trabalhando no setor de joias e semijoias. Esse número não foi apurado nessa dissertação pela característica qualitativa da mesma, e porque não era nosso objetivo levantar a quantidade de crianças trabalhando no setor; mas pudemos perceber que há, realmente, um grande número de crianças que estão inseridas no trabalho com as joias e bijuterias, muitas delas trabalhando no processo de solda, montagem e cravação.

Tal situação tem se mostrado recorrente, especialmente nas famílias em que os pais ou responsáveis se veem obrigados a se apropriar do trabalho das crianças. Segundo Ferreira, trata-se de uma realidade típica da terceirização, e de difícil resolução, pois envolve o orçamento doméstico, nos quais os pais fazem da própria mesa de refeição seu local de trabalho, com o auxílio das crianças (FERREIRA, 2005, p. 32-44).

Outros registros mostram a importância do tema nesse município. Uma matéria publicada no jornal *Gazeta de Limeira*, de 17/02/2007, chama a atenção para os altos índices de informalidade e do trabalho infantil no município, além da declaração do presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Joias (Sintrajoia), Flávio Inácio de Souza, afirmando que a informalidade no setor prejudica a arrecadação do município, além de não oferecer garantia aos trabalhadores. De acordo com o Sintrajoia, são estimados, em Limeira, nove mil empregos formais e doze mil informais, em uma

cidade que abriga quatrocentos e cinquenta empresas no setor (GAZETA DE LIMEIRA², 2007).

A dissertação ainda discute a relação desse trabalho informal realizado pelas crianças com a educação, tentando demonstrar como essa relação se dá aos olhos dos educadores e, em outra vertente, aos olhos dos pais dessas crianças. Os educadores são, em sua maioria, professores de quarta série, tendo em sala de aula crianças de aproximadamente dez anos e que, via de regra, reclamam da falta de atenção dessas crianças devido ao sono e ao cansaço, advindos do trabalho noturno. Nesse grupo de alunos, foi possível observar o maior índice de trabalho com as peças de joias e bijuterias, embora não possamos descartar também o trabalho de crianças menores, como foi possível observar na fala de muitas professoras:

(...) Olha, às vezes eu vejo eles muito cansados, eu não tenho a atenção deles. Eu falo assim “Bem, vem cá. Que horas você foi dormir?” “Aí professora, eu fui dormir tarde”. “Você estava assistindo TV?” “Não, a gente faz jóia em casa, a gente trabalha em casa: eu meus irmãos, a gente trabalha”. “Que tipo de joias vocês fazem?” “A gente ou coloca argola, ou faz montagem.” “É sempre?” “É sempre, todo dia porque a gente acaba, já tem outro pacote que minha mãe vai buscar porque eles ligam pra entregar naquela data, então a gente ajuda”. (PROFESSORA C., 2010)

Pelas entrevistas, foi possível perceber que muitas das crianças que trabalham com as peças de bijuterias não veem como essa rotina de trabalho pode causar-lhes um grande desgaste físico e mental. A naturalidade com que os alunos descrevem a etapa do processo de trabalho por eles executado é tão grande que se percebe o quanto essa atividade já faz parte da rotina diária da família. Só mesmo depois de muitas conversas e especulações é que o cansaço que alguns alunos demonstram em sala de aula, consequência de um trabalho exaustivo, se torna patente.

É nesse cenário que encontramos muitas de nossas crianças servindo como força de trabalho de baixo custo. Por meio de registros e dados, pode-se problematizar a questão do trabalho infantil, sabendo que essas crianças trabalhadoras brasileiras são apenas uma parte daquelas que não escapam a esse processo global, que só tende a

² Essa e outras reportagens sobre o trabalho infantil em Limeira podem ser lidas na íntegra no site da *Gazeta de Limeira* (www.gazetadelimeira.com.br).

piorar, que as afasta, cada dia mais, de uma vida digna e da possibilidade de desfrutarem plenamente a infância³, como bem aponta Campos:

Os dados estatísticos analisados confirmam o fato de que, para uma parcela significativa de meninos e meninas das regiões metropolitanas, não existe uma separação entre trabalho e infância. Ao mesmo tempo indicam que, se estas crianças estão impossibilitadas de viver integralmente sua infância, estão também impedidas de ser tratadas como trabalhadores plenos. Nem crianças, nem estudantes, nem trabalhadores ganham visibilidade social quando emergem nos desvãos da cidade, lutando pela sobrevivência através de atividades consideradas marginais, operando nas sobras do sistema, aproveitando-se de suas contradições e ineficiências: congestionamentos, depósitos de lixo, mercado informal de mercadorias, restos de feira. (CAMPOS, 1993, p.151)

Após essa rápida reflexão acerca do trabalho infantil, percebe-se a importância desse tipo de estudo, que pretende mostrar como grande parte das empresas do setor de joias e bijuterias, na cidade de Limeira, cresceu, e continua a crescer, por meio da exploração de muitas crianças e jovens. Executado dentro de casa, esse trabalho tem causado danos à saúde física e mental dessas pessoas além de prejudicar a rotina dessas famílias. Essa dissertação busca, ainda, entender qual a simbologia desse trabalho para as famílias e para a escola.

Através desta pesquisa foi possível observar, também, que, ao brincar, uma criança se baseia na percepção que tem do mundo adulto, retratando não só cenas do cotidiano como também os sentimentos e conflitos vivenciados – nesse sentido, essas atividades lúdicas ajudam a criança a crescer simbolicamente. Em muitos lares, era possível ouvir dessas crianças uma versão muito parecida à dos pais sobre a importância do trabalho que executavam. Percebia-se, muitas vezes, uma inversão de valores,

³ Segundo Sergio Adorno (1993), o conceito de infância constitui uma construção cultural subjacente ao modo pelo qual diferentes sociedades organizam a reprodução de suas condições materiais e não-materiais de trabalho e de vida. Esse conceito configura campo privilegiado para o exame das relações entre natureza e cultura. Em algumas sociedades, a criança é valorizada e situada no centro das atenções do mundo adulto. Ela é, por assim dizer, o adulto em potencial. Em outras, esse caráter é matizado, ou mesmo negado, no que resulta um cuidado pouco atencioso às crianças, relegadas à sua “sorte natural”. Implicações significativas podem ser observadas na “temporalidade” conferida à infância. Em algumas sociedades, ela é caracterizada por longa duração, em outras, por um período diminuto, restrito aos primeiros anos de existência. Em qualquer dessas circunstâncias, esse período é demarcado por sua diferença com o mundo adulto. Nas sociedades modernas, a vida infantil aparece como contraposta à adulta, no sentido de que aquela é sede de um sincretismo entre simbolização e realidade. Nesse sentido, o devaneio e o lúdico fariam parte do modo de ser criança. Na sociedade brasileira, como em outras onde esse modo de ser é turvado pela necessidade de garantir a reprodução imediata da existência, não poucas crianças assumem responsabilidades adultas, embora permaneçam imersas na cultura infantil, situação que, antes de lhe ser reconhecida como direito, é vista como “desvio”, “patologia”, atributo de inferioridade (ADORNO, 1993, p.185).

situação que já fora percebida, nas mais diversas épocas, por muitos autores, entre os quais Engels, que demonstrou como a criança, precocemente, tem uma inversão de valores induzida pela situação degradante da sociedade e da economia:

(...) A irregularidade da ocupação, o trabalho noturno frequente e a desorganização da vida daí resultante provocam uma série de problemas físicos e morais, principalmente situações sexuais precoces e desregradas – pontos sobre o qual são convergentes todos os testemunhos. (ENGELS, 2010, p. 226)

Em contrapartida a esse trabalho, executado pelas crianças em Limeira, os afazeres que elas exercem diariamente em casa, no campo e, em alguns casos, no comércio da própria família, não podem ser considerados como trabalho infantil exploratório⁴, pois esse conceito aplica-se às crianças que, desde cedo, exercem uma atividade regular para ajudar no sustento de si e de suas famílias. O trabalho executado em casa, como a ajuda nos afazeres domésticos, ou no comércio da família, é considerado tarefa leve, caso não se torne uma sobrecarga de trabalho, prejudicando, assim, o andamento das atividades normais de uma criança como brincar e estudar.

Essas questões de ordem econômica, cultural e estrutural são utilizadas como argumentos para explicar o envolvimento da mão de obra infantil no setor de joias e bijuterias, na cidade de Limeira – como mostraram os registros do não apenas do corpo docente da escola em que a pesquisa foi realizada, mas também dos pais dessas crianças e dos representantes sindicais, vereadores e até mesmo da imprensa local.

Faz-se necessária, ainda, a ressalva de que muitos dos filhos da população mais carente são levados ao trabalho dos pais, principalmente quando esses pais trabalham de modo informal, e, no caso das mães, quando prestam trabalho doméstico – situação que faz com que essa criança seja inserida ainda muito precocemente, e quase imperceptivelmente, nesse meio que a levará ao trabalho infantil.

Para problematizar essas questões, o Capítulo 1, intitulado “Expropriação sobre a força de trabalho no setor de joias e bijuterias – a participação do trabalho infantil nesse setor”, contextualizará a criança e o trabalho infantil frente à Lei, ou seja, como esse pequeno trabalhador deveria ser amparado pelos recursos legais. O capítulo mostra,

⁴ Entendo como exploratório o trabalho que a criança executa como obrigação para o próprio sustento e até o de sua família. Trabalhos domésticos ou qualquer outro como forma de ajuda, sem a necessidade de se regular, podem ser considerados aprendizados para a vida adulta e importante para o desenvolvimento físico da criança.

ainda, como se dá o processo de produção das joias e bijuterias na cidade de Limeira, ressaltando que, para esse trabalho, são usados ácidos tóxicos e são manejadas ferramentas perigosas quando usadas sem uma infraestrutura adequada, uma vez que essa atividade de montar os brincos, pulseiras correntes e anéis, é realizada nos próprios domicílios. Os relatos vão mostrar também como as crianças, expropriadas, ficam vulneráveis a problemas de saúde como dores nas costas e nas mãos, ou terem a vista cansada.

Já o Capítulo 2, intitulado “Relação entre trabalho e educação: as influências que o trabalho exerce na educação das crianças que são expropriadas, inclusive, do direito à educação”, tem o intuito de retratar a realidade das famílias estudadas, demonstrando a cultura do trabalho infantil no seio familiar e as consequências que esse trabalho traz para o aprendizado dessas crianças. É nesse capítulo que nos serviremos de um maior número de entrevistas, que serão utilizadas como apoio para demonstrar como o trabalho da criança com a jóia ou a bijuteria é encarado pelos familiares e pelos profissionais da educação. Além disso, buscar-se-á discutir se esse trabalho, realizado pelas crianças, afeta positiva ou negativamente sua educação.

CAPÍTULO 1

Expropriação sobre a força de trabalho no setor de joias e bijuterias e a participação do trabalho infantil nesse setor

1.1 O retrato brasileiro.

Há um bom tempo, a criança tem sido vista como objeto de preocupação e cuidados pela sociedade em geral. Já em 1924, a Declaração de Genebra se mostrou pioneira internacionalmente em prol da defesa dos direitos dos menores. Contudo, somente trinta anos depois, em 1959, é aprovada a Declaração Universal dos Direitos da Criança e a Organização das Nações Unidas (ONU), estabeleceu o que seria a proteção à criança em 1979 (WESTPHAL, 2002, p. 47).

No Brasil, a partir da Constituição Federal de 1988, o Estado e também a sociedade civil passaram a condenar a exploração do trabalho infantil criando os instrumentos legais para se transformar a situação das crianças trabalhadoras.

Sobre essa temática, a Constituição Federal de 1988, em seu Art. 227, estabeleceu que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

A partir das discussões ocorridas na Assembléia Nacional Constituinte, durante os anos de 1987 e 1988, com a participação dos movimentos sociais e dos conselhos de defesa os direitos humanos surgiu o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que, o seu Artigo 60, do Capítulo V, tomando por base o Artigo 7 - Inciso XXXIII, da Constituição, proíbe qualquer tipo de trabalho insalubre e noturno com riscos para menores de dezoito anos e qualquer trabalho para menores de dezesseis anos, a menos que estejam na situação de aprendizes, sendo tal possibilidade permitida apenas a partir dos catorze anos.

Já o trabalho considerado educativo, conforme o Art. 68, parágrafo primeiro da Lei 8069/90 – ECA, deve ser entendido como a atividade laboral em que as exigências pedagógicas relativas ao desenvolvimento pessoal e social do educando prevalecem sobre o aspecto produtivo. No caso observado nesta dissertação, é possível perceber que nem sempre o trabalho tem esse caráter, pois muitas vezes não é acompanhado de forma sistemática e, portanto, não se sabe se ocorre o desenvolvimento proposto no local de trabalho.

No campo jurídico, esse dispositivo constitucional, assegura o direito que as crianças trabalhadoras têm a uma vida digna, demonstrando haver, pelo menos legalmente, uma conscientização das pessoas que atuam nos órgãos públicos, bem como da sociedade brasileira em relação aos problemas ocasionados pelo trabalho infanto-juvenil.

Ao assumir as questões sociais e de proteção da família, o Estado acaba colocando a criança e o adolescente sob sua tutela, com base na Lei 8069/90 do Estatuto da Criança e do Adolescente. De acordo com essa Lei, que trata da instituição dos Conselhos Nacional, Estaduais e Municipais dos direitos da criança e do adolescente e, também, na esfera municipal, dos Conselhos Tutelares, o Estado vem tentando fortalecer os instrumentos legais para impedir que haja crianças trabalhadoras, além de regulamentar a situação dos jovens e adolescentes, os quais muitas vezes se veem obrigados a se inserir tão precocemente no mercado de trabalho, perdendo uma fase importante de sua vida. Muitas vezes, esse amadurecer precoce reforça ainda mais o vínculo com o Estado, na forma de “crianças delinquentes”, resultado de uma vida degradante e injusta, como já constatado por Adorno.

Não se sabe ao certo quantas são as crianças impedidas de sê-lo. Suspeita-se que sejam milhares, vivendo abaixo do patamar mínimo de sobrevivência. Crianças empurradas contra a vida, submetidas à guerra de todos contra todos, transfiguradas precocemente em adultos, todavia reduzidas em um mundo adultocêntrico a sujeitos desprovidos de autonomia e liberdade. Em uma sociedade que lhes comprime o espaço de existência digna, constroem trajetórias que vingam o destino que se lhe impõe. Trajetórias diferenciadas, que se reproduzem aqui e acolá, algumas enveredam pelo duro caminho da sujeição e do disciplinamento subjacentes ao mundo do trabalho. Conformam-se, desde cedo, ao rito regular das fábricas, das oficinas, dos estabelecimentos comerciais, dos escritórios de serviços. Optam por um horizonte, o do pobre, porém honrado, respeitador de ordem, obediente, civil. Outras espalham-se pelas cidades, vagam pelas ruas, aproveitam as oportunidades que outros não aproveitam, situam-se

nos mais diversos e recônditos espaços de reprodução social de existência, lá onde sequer é possível imaginar que a vida seja viável. Aprendem as mais diversas ocupações no universo da economia informal, assegurando para si e para outros que compartilham a mesma história o pão de cada dia. Em um mundo perverso, tornam-se provedoras do lar dilacerado pela situação de pauperização crescente. Vítimas da miséria, configuram alvo privilegiado das instituições de amparo social que as convertem em “carentes”, ou em “abandonados”. Quando trilham o caminho da delinquência – uma possibilidade entre outras, por força da multiplicidade de contatos proporcionados pela rua e pela circulação de pessoas das demais diversas origens, movidas por escrúpulos que vão do apoio à exploração – acabam “clientes” das agências de contenção de ordem pública, estabelecendo com elas vínculos quase indissolúveis, de amor e ódio. (ADORNO, 1993, p.182-183)

É por meio desse vínculo forjado a partir das relações estabelecidas, tanto no âmbito familiar como no trabalho que o Estatuto da Criança e do Adolescente, no que tange ao trabalho infantil, ganhou tamanha repercussão levando Reginaldo de Souza Silva a afirmar que:

Esta legislação, denominada Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, trouxe uma mudança de paradigma possibilitando uma nova forma de ver e atuar junto às políticas de atendimento à infância. Passou-se da anterior doutrina da situação irregular, presente no Código de Menores de 1979, para a doutrina de proteção integral, que fundamenta a Lei 8069/90 – ECA. (SILVA, 1997, p. 67)

Trabalhando nessa direção, muitas organizações e representantes sindicais, como CUT, Força Sindical, APEOESP, Organizações Sindicais Livres (CIOSL), Organização Internacional do Trabalho (OIT/IPEC⁵), lutam contra a exploração do trabalho infantil, denunciando, por meio de seus sindicatos, esta situação e, juntamente com alguns órgãos governamentais, buscam a elaboração de ações que possibilitem sua erradicação.

O problema do trabalho infantil chegou a ser tão sério que, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2001), 8,4 milhões de crianças entre 5 e 17 anos, no início da década de 1990, encontravam-se no trabalho informal, perigoso, ilícito e oculto. Apesar de termos uma realidade bastante diversificada no Brasil, podemos constatar que, ao longo dos últimos anos, o número de crianças trabalhadoras vem

⁵ O Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil (IPEC) foi abrigado pelo Brasil logo no ano de sua implementação em escala mundial, em 1992, sendo um dos instrumentos de cooperação da OIT que mais articulou, mobilizou e legitimou as iniciativas nacionais de combate ao trabalho infantil.

diminuindo, pois em 1992, chegamos a ter 15% das crianças de 5 a 15 anos de idade trabalhando no país e, em 2003, este número estava em 7% de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE, 2003), percentual considerado ainda muito elevado pela OIT.

Após muita luta da sociedade organizada, nas últimas pesquisas PNAD (IBGE, 2008) foi possível observar que o trabalho infantil diminuiu, embora ainda se configure como uma dura realidade para 993 mil crianças de 5 a 13 anos. O estudo ainda nos mostra que, no Brasil, em 2008, havia 92,5 milhões de pessoas com cinco anos ou mais ocupadas com algum tipo de trabalho, e dessas 4,5 milhões tinham de 5 a 17 anos de idade. As pessoas ocupadas representavam 10,2% da população de 5 a 17 anos de idade, 0,7 pontos percentuais a menos que em 2007, e 3,3% das crianças de 5 a 13 anos.

A proporção de crianças de 5 a 9 anos de idade ocupadas foi de 0,9%, em 2008 contra 1,0% em 2007. O percentual das crianças trabalhadoras de 10 a 13 anos de idade, que era de 7,5% em 2007, foi reduzido para 6,1% em 2008. Não podemos nos esquecer, no entanto, que essas pesquisas, por mais que nos mostrem dados muito aproximados da realidade das crianças trabalhadoras, não conseguem captar a totalidade dessa realidade, uma vez que os pesquisadores nem sempre conseguem levar a pesquisa a todos os lares, e muitos pais escondem a realidade do trabalho das crianças por medo de represálias (IBGE, 2008).

Com os dados disponíveis é possível ter uma dimensão do perfil socioeconômico das crianças e adolescentes inseridos no trabalho infantil, como poderemos observar através da tabela que se segue:

Tabela 1 - Indicadores das pessoas de 5 a 17 anos de idade, por grupos de idade - 2008

Tabela 8 - Indicadores das pessoas de 5 a 17 anos de idade, por grupos de idade - 2008

Especificação	Indicadores das pessoas de 5 a 17 anos de idade			
	Total	Grupos de idade		
		5 a 13 anos	14 ou 15 anos	16 ou 17 anos
Percentual de homens na população ocupada, na semana de referência (%)	65,8	68,9	66,3	64,2
Nível de ocupação (%)	10,2	3,3	16,5	33,6
Rendimento médio mensal domiciliar <i>per capita</i> das pessoas ocupadas na semana de referência (R\$)	333	228	303	394
Rendimento médio mensal de trabalho (R\$)	269	100	190	319
Número médio de horas habitualmente trabalhadas por semana em todos os trabalhos	26,8	16,1	24,2	32,7
Taxa de escolarização das pessoas ocupadas na semana de referência (%)	81,9	96,2	88,4	72,5
Percentual de pessoas em atividade agrícola na população ocupada na semana de referência (%)	35,5	60,6	36,3	24,3
Percentual de não remunerados na população ocupada na semana de referência (%)	32,3	60,9	34,0	19,1

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008.

Para uma melhor compreensão das singularidades que o trabalho infanto-juvenil traz é importante observar os dados⁶ que o Quadro acima nos apresenta referente a pesquisas realizadas pelo IBGE, as quais apontam que “em 2008, 35,5% das pessoas de 5 a 17 anos de idade ocupadas estavam em atividade agrícola e 51,6% eram empregados ou trabalhadores domésticos” (IBGE, 2010).

Isso demonstra que os trabalhos domésticos ainda fazem parte da realidade de nossas crianças, bem como o trabalho no campo, setor em que mais se utiliza a mão de obra infantil, talvez por ser esse setor aquele que menos exige escolaridade. Outro dado relevante trazido pelo IBGE diz respeito ao tempo de dedicação ao trabalho:

As pessoas de 5 a 17 anos de idade ocupadas trabalhavam em média 26,8 horas habitualmente por semana, em todos os trabalhos, sendo que as pessoas de 5 a 13 anos de idade trabalhavam em média 16,1 horas; as de 14 ou 15 anos de idade, 24,2 horas; e as de 16 ou 17 anos de idade, 32,7 horas (IBGE, 2010).

O número de horas que essas crianças dedicam ao trabalho, obviamente, retiram o tempo de escola, pois elas permanecem mais da metade do dia no trabalho

⁶ Dados obtidos na página do IBGE:
http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1455&id_pagina

quando deveriam estar estudando, o que deixa explícito que as crianças trabalhadoras acabam se dedicando mais ao trabalho que à escola. Devemos considerar, ainda, que, à medida que a idade avança, as crianças e adolescentes vão ficando mais tempo no trabalho. Além disso,

Apenas 9,7% dos empregados ou trabalhadores domésticos de 14 a 17 anos de idade possuíam carteira de trabalho assinada, percentual que era de 13,1% para as pessoas de 16 ou 17 anos de idade (IBGE, 2010).

O que agrava a situação, dado que apenas uma parcela ínfima desses trabalhadores infanto-juvenis tem uma situação legal, com direitos trabalhistas respeitados, visto que a falta de registro em carteira torna estes trabalhadores “clandestinos” uma vez que seus direitos lhes são negados.

Através dos dados do IBGE, podemos constatar ainda que dentre as

Pessoas de 5 a 17 anos de idade ocupadas, em 2008, 32,2% eram trabalhadoras não remuneradas, percentual que chegava a 60,9% entre as crianças de 5 a 13 anos de idade. Das pessoas de 14 ou 15 anos de idade ocupadas, 34,0% eram trabalhadoras não remuneradas e, dentre as pessoas ocupadas de 16 ou 17 anos de idade, esse percentual era de 19,1% (IBGE, 2010).

Esses dados corroboram nossas observações de que as crianças se dedicam ao trabalho doméstico, visando liberar seus pais para o trabalho produtivo, conforme pudemos verificar nas indústrias de joias e bijuterias do município de Limeira. A não remuneração das crianças significa apenas e tão-somente que seus pais colaboram para que as empresas se apropriem do seu trabalho, o que, no caso doméstico, acaba servindo como um complemento da renda salarial da família, que, conforme podemos observar, é bastante reduzida, ainda que, de acordo com o IBGE,

O rendimento médio mensal de todos os trabalhos das pessoas de 5 a 17 anos de idade ocupadas aumentou de R\$ 262, em 2007, para R\$ 269, em 2008. As pessoas de 5 a 13 anos de idade recebiam em média R\$ 100; as de 14 ou 15 anos de idade, R\$ 190; e as de 16 ou 17 anos, R\$ 319 (IBGE, 2010).

Esses dados demonstram que, apesar de o rendimento ser bem menor do que o salário mínimo legal do país, esta contribuição torna-se, muitas vezes, essencial para a sobrevivência do grupo familiar, bem para garantir o acesso a alguns bens materiais que apenas com o salário dos pais não seria possível adquirir.

Como podemos perceber, o salário obtido com o trabalho infantil tem contribuído para a acumulação de capital por parte das empresas, pois como demonstra o IBGE,

No Brasil, em 2008, 865 mil pessoas de 5 a 17 anos de idade ocupadas residiam em domicílios cujo rendimento mensal domiciliar per capita era menor que $\frac{1}{4}$ do salário mínimo ou sem rendimentos, o que representa 10,8% das pessoas desse grupo de idade. O rendimento médio mensal domiciliar per capita das pessoas de 5 a 9 anos de idade que estavam ocupadas era de R\$ 186, ao passo que das pessoas com 16 ou 17 anos de idade era de R\$ 394 (IBGE, 2010).

A situação do setor não é diferente do mostrado pelos dados do IBGE. De acordo com o IBGE, “Mais de 60% das crianças de 5 a 13 anos ocupadas também faziam tarefas domésticas” (<http://www.ibge.gov.br>, 2010) - trabalho de difícil erradicação, pois além de ser difícil sua comprovação, ele é visto como um princípio educativo. O trabalho doméstico tem uma intensidade tal que, de acordo com o IBGE,

Em 2008, 57,1% das pessoas de 5 a 17 anos de idade que estavam ocupadas também exerciam afazeres domésticos. Na faixa etária de 5 a 13 anos, esse percentual era de 61,2%; e entre 14 e 17 anos de idade, a proporção era de 56,0%. Entre as mulheres de 5 a 17 anos ocupadas, o percentual era de 83,2%; enquanto, entre os homens, 43,6% dos ocupados nessa faixa etária realizavam afazeres domésticos (IBGE, 2010).

É possível notar que, mesmo não constando como trabalhadoras, muitas crianças que aparecem como não ocupadas estão submetidas a trabalhos domésticos – como é possível verificar pelos números do IBGE: “dentre as pessoas de 5 a 17 anos de idade não ocupadas, 42,0% exerciam afazeres domésticos, percentual que era de 54,6% entre as mulheres e de 29,2% entre os homens” (IBGE, 2010).

Esses dados, se comparados a dados mais antigos, trazem uma conclusão muito parecida com aquela feita por Adorno (1993), há mais de uma década atrás, mostrando que a situação da criança trabalhadora no Brasil pouco mudou. Notemos que:

Esses dados (...) indicam o destino inevitável de muitos nascituros brasileiros, sua inserção precoce no mundo do trabalho e do trabalhador em condições brutais de exploração e de vida, que se espelham em outros indicadores, como os de mortalidade, de nutrição, de atenção médica, de escolarização. Trata-se de uma forma de inserção perversa porque condiciona crianças e jovens a se defrontarem com o trabalhador adulto em condições de desigualdade. Se, por um lado não se encontram em condições de oferecer idêntica energia do trabalhador adulto, o que os coloca em situação de desvantagem, por outro, fragilizados e indefesos suportam com maior dureza as condições adversas do trabalho e marcam a condição de vida trabalhadora dos campos e das cidades. A pobreza deita com maior rigor seus efeitos sobre a parcela jovem da população pobre. (ADORNO, 1993, p.191)

Com o conjunto de dados até aqui trabalhados fica ainda mais clara a situação das crianças que trabalham com as joias e bijuterias em Limeira, as quais ainda alegam que, além do serviço com a bijuteria, executam algum tipo de serviço doméstico. Aprofundaremos a discussão sobre essa questão do trabalho doméstico nos próximos capítulos. Agora voltemos aos dados em questão.

A diminuição do trabalho infantil, segundo Bezerra (2006), pode estar associada às mudanças socioeconômicas das crianças, bem como as mudanças institucionais, tais como: a implementação da Lei nº 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) a instituição do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF), e a mudança da Legislação Trabalhista que impõe a idade de 16 anos como a idade mínima para a inserção do jovem no mercado de trabalho, bem como a expansão de programas sociais que têm como objetivo a eliminação do trabalho infantil.

Não podemos esquecer, também, que a diminuição no número de crianças que executa algum tipo de trabalho pode ser apenas aparente, uma vez que muitas famílias escondem essa realidade para não sofrerem nenhum tipo de julgamento por parte das pessoas da comunidade em que habitam.

Sendo assim, a cultura do trabalho infantil, só poderá ser regulamentada de acordo com a Lei 8069/90, quando o País tornar as crianças e os adolescentes, prioridades absolutas e efetivar a proposta das ações e os recursos econômicos destinados à questão da exploração infantil, eliminando, assim, as graves situações de

desrespeito para com a vida de milhares de crianças e adolescentes que têm sua infância negada em virtude de problemas sociais, econômicos e culturais.

1.2 A cidade de Limeira

Antes de entrarmos na discussão sobre o trabalho infantil no setor de joias e bijuterias é necessário que primeiramente contextualizemos o município de Limeira, localizado no interior do Estado de São Paulo a 154 Km da capital paulistana.

IMAGEM 1 – Localização de Limeira



Fonte: http://www.incamp.unicamp.br/parqtel/Como_chegar.html

A cidade, segundo os dados extraídos do senso demográfico do IBGE, do ano de 2010, conta com uma população residente de 276.022 pessoas, sendo que 135.628 são do sexo masculino e 140.394 do sexo feminino.

Com esse contingente populacional, a cidade desponta através da dura realidade do trabalho infantil no setor de joias e bijuterias que existe no município, chamando a atenção por ser uma situação ainda pouco conhecida tanto no Estado quanto na região.

É sempre bom salientar que, especificamente na produção de joias e bijuterias, o Brasil ocupa o 27º lugar no *ranking* de exportação e de importações mundiais, sendo que os principais destinos dessa exportação são a Argentina, a Venezuela, o Peru, a Colômbia e os Estados Unidos. Internamente, esse setor de joias folheadas, na época da pesquisa feita pela CETESB, representava um mercado cujo faturamento chegava a R\$ 572,3 milhões anuais, e 37% dessa produção eram oriundos do município de Limeira (CETESB, 2005, p.13).

Percebendo a importância dessa cidade no cenário nacional e, porque não dizer, mundial, no que diz respeito à produção e à distribuição de joias folheadas e bijuterias, é que se viu a necessidade de discutir as consequências desse crescimento econômico nesse setor para a população limeirense - crescimento que cada dia mais faz surgir empresas clandestinas, que veem nesse setor uma possibilidade de ganho rápido, sem se preocupar com o meio ambiente e com a saúde de seus trabalhadores.

1.3- Expropriação da força de trabalho infantil em Limeira: reflexo de uma realidade mundial

No município de Limeira, não muito diferente do que está acontecendo em vários outros lugares, especialmente do mundo capitalista, algumas empresas de pequeno e/ou grande porte sentiram a necessidade de terceirizar alguns setores de sua manufatura. Em Limeira, com o crescimento da demanda de mão de obra para trabalhar no setor de joias e bijuterias a terceirização foi o caminho encontrado para reduzir os custos da produção e aumentar os ganhos de produtividade, aumentando, conseqüentemente, a capacidade competitiva dessas empresas e, assim, impulsionar o mercado consumidor. O principal objetivo dessas empresas seria a redução do custo da força de trabalho no processo de fabricação de suas mercadorias, através da eliminação de direitos trabalhistas, os quais geram encargos sociais para as empresas.

É nesse e processo – que causa a precarização das relações de trabalho no setor, pois obriga muitas crianças a trabalharem na informalidade para atender à demanda dessas empresas –, que as crianças de Limeira estão envolvidas, como acontece também em nível global, como exposto a seguir:

O trabalho subcontratado tem uma longa história nas sociedades industriais. Aparecendo sob diferentes formas – trabalho a domicílio, relação entre empresas, subcontratação de trabalhadores autônomos, redes de subcontratação – sua existência era encarada, até recentemente, como uma sobrevivência de formas pré-capitalistas de organização da produção. (...) Entretanto, a partir da década de 70 e 80 as mudanças na organização do trabalho e o crescente desenvolvimento das tecnologias microeletrônicas provocaram o aumento da subcontratação industrial, incentivando o reaparecimento de redes de pequenas firmas, artesões e trabalhadores a domicílio (ABREU; SORJ; JORGE, 1994, p.63).

Com essa estratégia de expropriação da força de trabalho por parte de grande parte das empresas que atuam no setor de joias e bijuterias, muitos são os casos de famílias que executam, por meio do trabalho domiciliar, alguma etapa do processo dessa produção, fazendo parte das atividades de manufatura em suas próprias residências, o que, muitas vezes, acarreta a sobrecarga de trabalho, que acaba sendo dividido entre os familiares, inclusive com as crianças, como mostra Ferreira:

O trabalho é realizado geralmente por mulheres, e/ou demais elementos da família, crianças e idosos, categorias de força de trabalho que estão provisória ou definitivamente fora do mercado de trabalho, com baixa qualificação. (FERREIRA, 2005, p.31)

Outro dado importante a ser salientado, refere-se ao fato de que algumas partes do processo de produção, que geralmente chegam até esses domicílios ou às fábricas clandestinas, são compostos por solda, cravação e muitas vezes galvanização, o que faz com que esses trabalhadores, independente da idade, fiquem expostos a situações de risco constante, uma vez que muitos dos ácidos usados nesses processos, quando manuseados sem a devida proteção e o conhecimento, podem causar sérios problemas a esses trabalhadores.

O processo de terceirização desse setor é tão forte que, em Limeira, um estudo realizado pela Empresa Limite, com 133 entrevistados⁷, proprietários de empresas locais do segmento de joias, folheados e bijuterias, mostrou que 54% dessas empresas terceirizavam alguma parte de seu processo de produção, e 2% não quiseram responder

⁷ A coleta de dados feita pela empresa Limite Consultoria e Pesquisas de Marketing Ltda., no período de 12 de março a 28 de abril de 2009 (www.limiteconsultoria.com.br) com 133 empresas, pois de um número de 546 empresas registradas na Prefeitura de Limeira, Sindijoias, Receita Federal, entre outras associações, 90 haviam fechado ou mudado de segmento. Portanto, 133 participaram da pesquisa, 133 foram apenas cadastradas para a pesquisa e 190 não quiseram participar ou não foram encontradas na época da pesquisa. Os dados foram obtidos pela Prefeitura Municipal de Limeira, Sindijoias, ACIL, Receita Federal, ALJ, CETESB e JUCESP.

à questão. Se for levado em consideração o fato de a pesquisa ter sido realizada apenas com as empresas registradas legalmente, e que quase metade delas terceiriza alguma parte do seu processo de produção, fica ainda mais preocupante a situação do trabalho terceirizado em Limeira, uma vez que a maioria das empresas clandestinas faz uso dessa estratégia para a quase totalidade do processo de produção das peças.

Outro dado de grande importância, segundo o Sindicato das Indústrias de Joia (Sindijoia), é o fato de existirem mais de cento e cinquenta empresas clandestinas que operam na cidade, dando margem a condições cada vez mais precárias do trabalho informal. Ainda de acordo com esse sindicato, é cada vez maior o número de trabalhadores sem registro em carteira, principalmente aposentados, donas de casas e crianças, que ajudam no orçamento doméstico executando o processo produtivo (BEZERRA et al, 2008, p. 3).

Para efeito de nossa análise, merece, também, ser lembrado o fato de que muitas crianças estão expostas a condições insalubres no meio em que trabalham, o que inclui a manutenção de produtos tóxicos, essenciais para o processo de manipulação e conclusão das peças, como demonstrado pela pesquisa de Ferreira:

(...) Constatou-se a existência de trabalho infantil e que aproximadamente 20% dos estudantes da Rede Estadual de ensino trabalham na manufatura de jóias e bijuterias no município, foram também constatados problemas relacionados com riscos à saúde ocupacional como LER/DORT⁸. (FERREIRA, 2005, p. 3)

Os problemas relacionados à saúde ocupacional desses trabalhadores terceirizados são oriundos dos processos produtivos com os trabalhos de montagem, soldagem e cravação. As empresas transferiram essas atividades para as casas dos trabalhadores, envolvendo-os e a seus familiares nos riscos inerentes a essa atividade como o contato com produtos químicos perigosos, como ácidos e com os gases emanados do processo, com ferros elétricos, com instrumentos pontiagudos, além dos

⁸ O termo LER refere-se a um conjunto de doenças que atingem principalmente os membros superiores, atacando músculos, nervos e tendões provocando irritações e inflamação. A LER é geralmente causada por movimentos repetidos e contínuos com consequente sobrecarga do sistema músculo-esquelético. O esforço excessivo, a má postura, o stress e as más condições de trabalho também contribuem para aparecimento da LER. Em casos extremos, pode causar sérios danos aos tendões, dor e perda de movimentos. Alguns especialistas e entidades preferem, atualmente, denominar as LER por DORT ou LER/DORT. A LER também é conhecida por L.T.C. (Lesão por Trauma Cumulativo). Os dados foram colhidos no na página: <http://www.areaseg.com/ler/queeler.html> no dia 26/04/2010.

movimentos repetitivos, das posturas corporais forçadas entre outros (FERREIRA, 2005, p. 16).

Através dessa pesquisa realizada com algumas empresas, é possível se ter uma noção de quais etapas do processo de produção das peças são mais terceirizadas: são a solda (39%), a montagem (34%) e o banho (19%), não esquecendo que, principalmente as empresas clandestinas, terceirizam quase todo o processo de produção.

Podemos perceber que os problemas de saúde citados por Ferreira (2005), oriundos de processos como solda, montagem e cravação estão entre os mais terceirizados, e os que mais ocupam os trabalhadores infantis. O banho é um processo sempre muito terceirizado, principalmente pelas empresas clandestinas, apresentando não só um perigo para as pessoas que, sem equipamento de segurança, exercem essa atividade, como para todas as pessoas, principalmente as crianças, que tem qualquer contato com essas soluções aquosas, mesmo depois de descartadas.

É possível captar, através da fala das crianças e dos pais entrevistados, o evidente problema causado por essas atividades. Muitas das crianças que trabalham nesse setor o fazem na informalidade, dizem que a mãe ou algum outro ente da família, tem problema de vista e “coincidentemente” essas pessoas trabalham ou trabalhavam com solda. Não podemos deixar de salientar que muitos são os ramos de trabalhos que, executados de forma errônea ou compulsivamente, podem afetar não só a vista, mas outros membros do corpo, como já apontados por Engels em meados do século XIX.

O próprio trabalho é muito prejudicial para os olhos, embora em geral não cause lesões permanentes nos threaders, provoca muitas inflamações oculares e, no momento do trabalho, dores, lágrimas e uma redução transitória da acuidade visual; mas, para os winders, está provado que o trabalho afeta gravemente os olhos: além de constantes inflamações da córnea, muitas vezes provoca cataratas e amauroses. (ENGELS, 2010, p. 226)

IMAGEM 2 – Trabalho com solda



Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora

Entre as crianças que trabalham com solda, é recorrente ouvir depoimentos como: “aguento até machucar”, “machuca às vezes”, “às vezes até sangra”. Muitas foram as crianças que mostraram insatisfação com o trabalho, enquanto outras até se sentiam mais responsáveis por estarem trabalhando. Percebe-se aí um conflito básico entre identidade e confusão de papéis, uma vez que a criança se sente um adulto responsável, pois com o trabalho pode auxiliar no sustento de seus familiares, e:

mais que isso, o trabalho adulto, que deveria ser fonte de proteção, transfigura-se em fonte de opressão. De fato os dados sugerem a configuração de uma ordem pelo avesso. O trabalho infantil aparece como subsídio importante ao trabalho familiar. A família que, na sua origem, pensa-se como fonte de solidariedade, de proteção e de socialização primária das crianças se subverte para justamente apoiar-se no universo infantil. É como se a família fosse socializada pelas crianças e não o seu contrário. (ADORNO, 1993, p.191-192)

Levando em consideração os sentimentos, as sensações, os perigos e as responsabilidades que as crianças trabalhadoras têm ao encarar o trabalho de uma forma adulta, é preciso repensar formas de impedir que elas entrem no mercado informal de trabalho, principalmente quando exploratório, dando suporte para mantê-las na escola, para que possam brincar e se desenvolver sem as tantas cobranças e responsabilidades

existentes na vida adulta, considerando sempre a dificuldade de se atingir esses objetivos, uma vez que a maioria dos trabalhadores infantis é levada a trabalhar por problemas socioeconômicos.

Percebe-se aqui uma similaridade entre a situação dessas crianças de Limeira e a situação da criança trabalhadora, na Inglaterra, que lidava com a renda. Mas não podemos nos esquecer, jamais, o motivo que leva as famílias a permitirem o trabalho de seus filhos com as joias: a ganância de uma classe social para usar adereços de beleza.

É esse o preço que a sociedade paga para oferecer às belas damas da burguesia o prazer de usar rendas – e não é razoável? Somente alguns milhares de operários cegos, somente algumas filhas de operários tuberculosas, somente uma geração doente e raquítica que transmitirá suas enfermidades aos descendentes – mas o que isso importa? Nada, absolutamente nada: nossa burguesia, indiferente, afastará de seus olhos o relatório da comissão governamental e suas mulheres e filhas continuarão normalmente a enfeitar-se com rendas. De fato, é admirável, na Inglaterra, a serenidade da burguesia. (ENGELS, 2010, p. 228)

Assim sendo, constatamos que a expropriação da força de trabalho por meio da exploração do trabalho infantil tem sido uma constante na história do capitalismo, dado que esta classe vive da exploração daqueles que vivem na pobreza.

1.4 Perfil da produção de jóias folheadas e bijuterias na cidade de Limeira, SP.

Para elucidar a situação tanto da criança trabalhadora como do próprio trabalhador adulto, na cidade de Limeira, primeiramente farei uma exposição, com base nos depoimentos e nas entrevistas realizadas com pessoas envolvidas nessas relações de produção. Buscarei esclarecer como se dá o processo produtivo das peças – folheados e bijuterias – e, no decorrer do processo, quais são as partes mais terceirizadas e as que têm em sua base o uso de alguns ácidos que são prejudiciais à saúde das pessoas que os manipulam quando não utilizam ferramentas e equipamentos adequados.

Começaremos por analisar o processo a partir da matéria-prima que é a base da jóia folheada, o latão. Na maioria das vezes, o latão é uma liga composta por 70% de cobre e 30% de zinco, podendo haver outras porcentagens nessa liga. Esse material geralmente é comprado pela indústria em formato de fitas com a largura de 250 milímetros e a empresa responsável corta as fitas nas medidas padrões.

Segundo a gerente de uma empresa pesquisada, a liga de 70% de cobre e 30% de zinco é a melhor liga para se trabalhar, pois o cobre é um material mais mole. Quando a indústria produz uma ferramenta, cujo formato traz vários detalhes, essa tira de latão, após derreter, vai adentrar a ferramenta e, com o peso da prensa, dará o formato da peça nessas tiras de latão.

Para o corte da bijuteria, a prensa com a ferramenta – no formato macho e fêmea – desce, prensando as tiras de latão e cravando-lhes o modelo da peça escolhida. Não podemos deixar de dizer que esse processo se dá de forma muito rápida, prensando, em apenas algumas horas, milhares de peças.

De acordo com a gerente da empresa, a quantidade de placas, ou fitas de latão, que são compradas, obedece à demanda de peças que são pedidas pelos clientes, e, para essa empresa, muito conhecida no meio industrial, há facilidades para essa compra. Durante a entrevista, foi fornecido o nome de alguns grupos que vendem essa matéria-prima tais como: Grupo Paranapanema, de Campinas, cujo preço, segundo ela, é bom, Grupo Termomecânica, de São Paulo, e alguns outros revendedores que trocam a sucata descartada no processo de produção pela matéria-prima, conseguindo um preço melhor por se tratar de troca. Ainda segundo essa gerente, para uma empresa de médio a grande porte, que usa constantemente esse material, o latão, a compra é mais vantajosa se for feita diretamente da usina, pois ali se emite o certificado de qualidade. Essa matéria-prima chega com uma largura de 250 mm e a empresa usa, então, uma máquina trefiladeira, como podemos observar a seguir, onde é montado um jogo de facas para cortar as medidas que a empresa quer para a fabricação da peça. Coloca-se essa bobina de 250 mm na trefiladeira que corta todas as medidas programadas. A empresa em questão alega que é mais interessante ter a trefiladeira e cortar a matéria-prima conforme sua necessidade.

IMAGEM 3 - TREFILADEIRA



Fonte: <http://www.fermam.com.br/?link=produtos/descrProduto.php&id=2#>

Para dar início à produção da peça, em primeiro lugar ela é desenhada no programa de “artcam”⁹ e, depois de aprovada, será esculpida em um molde. Ela então é colocada dentro dos padrões de espessura, largura e comprimento. Assim essa ferramenta é projetada, sempre encaixada no modelo dentro de um padrão de medidas, dando preferência às medidas que aproveitem essa matéria-prima.

Para a produção de cada peça existe uma ferramenta exclusiva. A ferramenta é uma forma, que a indústria utiliza para fazer o modelo que lhe interessa e, então, a fita de latão é cortada, na largura, conforme a ferramenta. Existem larguras e espessuras diversificadas, a liga pode ser: mole, “meio mole”, dura, ou “meio dura” correspondentes aos tipos de materiais utilizados, segundo a gerente responsável pela fábrica.

Para exemplificar o processo, trazemos o modelo de uma peça com formato de coração. Primeiramente, essa peça deverá ser desenhada e projetada no computador para que possa ser feita a ferramenta que produzirá muitas, milhares ou até milhões de peças nesse formato. Assim que o desenho estiver aprovado e com as medidas definidas,

⁹ O programa Artcam é um software que permite, por meio de desenhos, gerar relevos em 3D, que fornece uma primeira impressão da peça a ser fabricada.

IMAGEM 5 – Impressão no Aço.

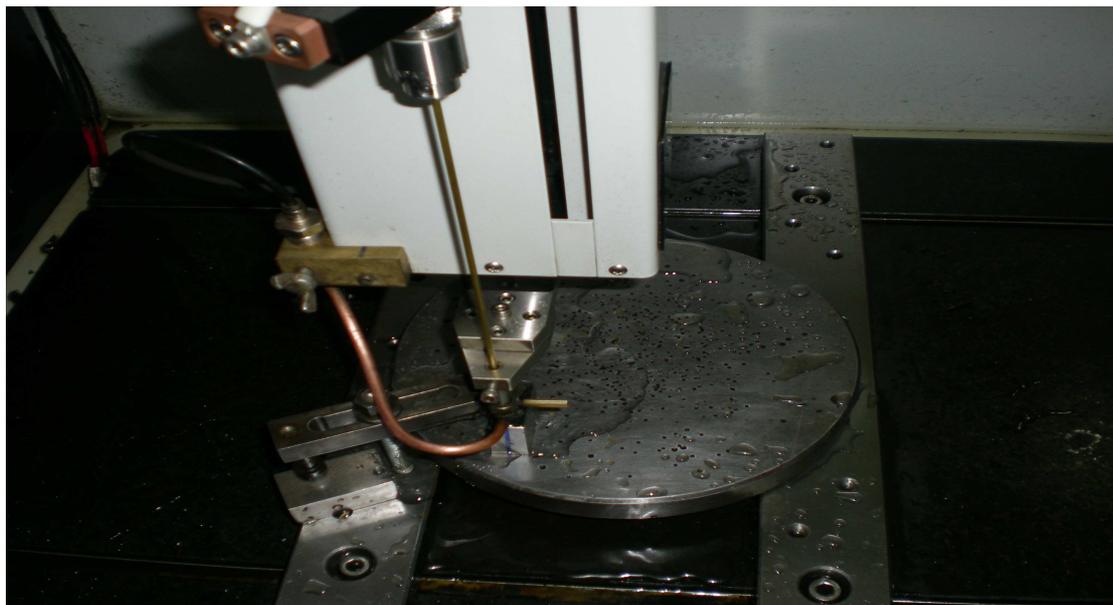


Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora

Depois de a ferramenta estar pronta no aço, ela vai para o teste na estamparia. Nesse momento já foi feito o modelo e a ferramenta recebeu uma referência que deverá acompanhar essa peça ao longo de todo o processo de produção até chegar às mãos do cliente. Na fábrica em questão, é feita a estamparia, mas, segundo a gerente e a CETESB, existem outros processos como: cera perdida, fundição, baixa fusão, fotocorrosão e estamparia.

IMAGEM 6 - Modelo



Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora

Para deixar claro como se dão os outros processos existentes para a fabricação das peças de bijuterias, faremos uma breve explicação de cada parte do processo. O processo denominado de “cera perdida” é utilizado para a obtenção de peças fundidas a partir de um modelo de metal. Nesse caso, é feito, primeiramente, um molde de borracha com o formato da peça e nesse molde injeta-se a cera derretida obtendo o modelo de cera. Essas peças de cera são como uma árvore, onde o metal fundido, após passar pelo forno e derreter a cera, deixará em seu lugar uma cavidade com o formato das peças. Essa cera derretida pode ser reutilizada diversas vezes, o que traz grande economia para a indústria.

Outro processo de fabricação de peças se dá através das ligas de baixa fusão. A liga é feita de uma mistura com 70% de estanho e 30% de chumbo, facilitando o processo e diminuindo o consumo energético, uma vez que a fusão ocorre em temperaturas mais baixas (380° a 400°C).

Temos ainda, o processo de fotocorrosão, no qual se aplica um esmalte fotossensível sobre placas de baixa espessura, que podem ser de vários materiais como latão, cobre, níquel, aço inox, entre outros. Nesse caso, após a aplicação do esmalte, é montado, em ambos os lados da chapa, um fotolito impresso em filme transparente e, em seguida, esse conjunto é colocado em uma máquina de raios ultravioleta - UV, onde a imagem do fotolito é cravada nas placas. Essas duas faces da placa são, então, corroídas por uma solução de percloroeto férrico nas áreas não protegidas, obtendo-se as peças gravadas sem rebarbas (CETESB, 2005, p. 14-16).

Já na estamparia, depois de pronta a ferramenta, ela é colocada na prensa, que desce o macho sobre a fêmea e, assim, estampar a matéria-prima. A máquina separa a peça boa de um lado e a sucata, que é o excesso da fita, de outro.

A sucata virgem, que sai exclusivamente da peça, sem nenhuma solda ou resina, é devolvida para a usina, que faz o beneficiamento do material para recolocá-lo no mercado. O valor desse beneficiamento é abatido numa futura compra de matéria-prima, o que gera grande economia para o fabricante de joias o qual passa a adquirir a matéria-prima por um preço mais barato. Na usina, essa sucata virgem vai virar outra liga e servir de matéria-prima em outros ramos da indústria. A nova liga é muito usada nas empresas automotivas, as quais também se utilizam de alguns componentes do latão.

O conjunto de peças que tem sua produção terceirizada geralmente sai da empresa já como um lote de encomendas prontas. O pedido vai para estamparia, onde a peça, depois de pronta, volta para a produção e, a partir daí, ela é terceirizada. A empresa pesquisada não terceiriza sua produção para pessoa física, repassando seu produto apenas para pessoa jurídica, principalmente por ser uma empresa que, além de vender em âmbito nacional, também exporta – o que a obriga à produção de um grande número de peças.

As peças que saem da estamparia vão direto para a pessoa jurídica que presta serviço para essa empresa. É nesse momento, o da terceirização, que a peça passa por um processo de limpeza e de polimento, porque a peça sai com algumas rebarbas. Segundo a gerente, há muitas empresas, em Limeira, que prestam esse tipo de serviço principalmente aquelas que trabalham com banho, solda e cravação de pedras.

Muitas das empresas que recebem esse tipo de terceirização, automaticamente a terceirizam também – criando, assim, um processo de quarteirização da produção, que ocorre não só nas empresas de joias e de peças folheadas, em Limeira, pois se caracteriza como umas das vertentes do capitalismo para uma maior produção de mercadoria e a redução do preço na produção. Muitas peças, por meio de um intermediário, chegam aos lares, caracterizando-se como trabalho doméstico. É nesse meio que se efetivará o trabalho infantil.

Ao terceirizar algumas partes do processo de produção, segundo a empresa pesquisada, é emitida uma nota fiscal por prestação de serviço. Quando as peças voltam para a empresa, outra nota é emitida contendo o trabalho terceirizado que foi feito. Segundo a gerente da empresa, existe um número mínimo de peças que devem estar no estoque, o mínimo bruto, sem banho, para que se possa acelerar o processo de produção das peças, sempre que algum pedido for feito. A peça que veio da terceirização fica guardada no estoque e depois recebe um banho na própria empresa, que pode ser tanto de ouro amarelo como folheado a prata. Após esse banho, a peça passa por todo o processo galvânico.

Esse processo galvânico acontece em algumas etapas. Uma delas é conhecida como desengraxe, que seria um pré-tratamento com a finalidade de limpar a superfície das peças, podendo ser feito com solventes aquosos, com solução alcalina ou com eletrolíticos. Há também o processo de ativação, que é feito nas peças que oxidam. Nesse processo, para assegurar a camada de metal que será depositada na peça, são

usadas soluções ácidas de baixa concentração (ácido clorídrico, sulfúrico, fosfórico ou nítrico) para a remoção da camada de óxidos.

O banho de cobre alcalino consiste em uma fina camada de cobre, onde o cianeto cúprico é unido ao cianeto de potássio ou de sódio, para a formação de compostos solúveis de cobre em solução aquosa. Já o banho de cobre ácido consiste na deposição de uma camada mais espessa de cobre. No banho de níquel, a função é a de nivelar as imperfeições da peça, permitindo que o banho do metal final apresente um ótimo aspecto, contendo nesse banho o sulfato de níquel, o cloreto de níquel e o ácido bórico.

Muitas empresas deixaram de usar esse tipo de banho pelas características alergênicas do níquel, substituindo-o pelo banho de bronze, que evita a migração do cobre para a camada de ouro, evitando a característica avermelhada da peça. Por fim, há o banho de ouro e o banho de prata que têm em sua composição básica, para o dourado, o cianeto de ouro e o potássio, e, para o prateado, o cianeto de potássio e a prata (CETESB, 2005, p 17-21).

Sendo este um trabalho extremamente perigoso, ao terceirizar sua produção, a empresa se livra do pagamento de adicional por insalubridade ou até por periculosidade, cometendo mais um crime contra a classe trabalhadora, em geral, e contra a criança, em particular. Nesse caso, como em muitos outros, podemos perceber que cumprir os compromissos com classe trabalhadora não é o forte desse setor da burguesia brasileira, sobretudo nesse setor de joias e bijuterias em Limeira.

A galvanoplastia consiste no banho da peça. Depois essa peça passa por um processo de limpeza, dali ela vai para um banho de cobre, porque ele alisa a superfície e prepara a peça para receber o banho de pré-ouro e o banho de ouro. Assim, qualquer imperfeição da peça, ou se ela estiver meio fosca, com o banho de cobre a aparência de sua superfície melhorará. A peça recebe o pré-ouro e logo após a camada de ouro dezoito quilates, que é a última.

Quando questionada sobre como uma peça que recebe um banho de ouro consegue manter um preço tão baixo em relação a peças feitas em ouro, a gerente explica:

é porque existe os milésimos que são colocados nesse banho. Aí já entra num processo químico e esse processo... você ganha a mesma

coisa. Sabe, é o que vai diferenciar você dos demais. E cada um tem o seu. Então nem eu vou saber falar pra você “olha, tem isso tem aquilo”. A gente sabe que em banho de mercado interno existe uma coisa só. Se for banho de mercado externo, existe menos banho na apreensão. Porque eles querem coisa barata. Então se você for fazer o preço que eles querem, você não tem lucro. Então depois que coloca o ouro em cima.... não existe segredo. Todo mundo sabe o preço do ouro. Então existem alguns processos que são o segredo de estado de algumas empresas. Depois essa peça sai do banho e ela vem pro controle de qualidade. Aí eles vão olhar: se o fecho da corrente tá legal, porque às vezes entra no banho pode endurecer um pouquinho, se não quebrou nada durante o banho, e vem vindo. Depois tem o banho, põe ácido em banho quente (GERENTE, 2011).

Esse banho ácido é quente e, segundo a gerente, é impossível fazer um banho com a última camada de ouro dezoito, caso a empresa não tenha usado em sua limpeza o cianeto. Para esse banho, os funcionários devem estar devidamente equipados, é por isso que, para o uso do cianeto, a empresa deve ter o alvará da Polícia Civil e da Receita Federal. Para a limpeza da peça também é usado o ácido sulfúrico. Depois do banho, essa mercadoria é mandada para o controle de qualidade.

Já na solda com maçarico, é usado o ácido bórico com o ácido bórax. Por meio da solda vai se ligar latão com latão ou com outro material. O ácido bórico e o bórax vão ajudar a solda a escorrer, ligar e ficar bem firme ali. Para a solda, é necessário se usar uma pinça e uma placa de amianto, que não pega fogo. Então, a peça é posta ali, com a pinça, por exemplo, se pega o pino, molha-o no ácido bórico e no bórax, e, com o fogo ele a peça se cola.

Nesse trabalho, há riscos de queimaduras e até de as crianças se machucarem, mas o fato de a empresa terceirizar este tipo de produção a livra do pagamento por insalubridade, aumentando a superexploração sobre o trabalho infantil, próprio do capital em sua etapa de acumulação primitiva, mas que se manifesta em todas as fases de seu desenvolvimento.

IMAGEM 7 - Solda



Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora

Diferentemente da explicação de como deve ser o uso do ácido no momento da solda para que não haja nenhum risco, muitas das empresas que terceirizam ou quarteirizam alguma parte do processo para muitos lares, não têm a preocupação de como esse processo ocorre no interior das casas. Ao adentrar muitos lares foi possível perceber que os cuidados com o manuseio do ácido não são tomados, nem as ferramentas que deveriam ser utilizadas nesse processo de produção são adequados, o que expõe muitos adultos e crianças aos malefícios desse trabalho, aumentando, assim, a exploração do trabalho infantil.

Quando se perguntou à gerente se a fiscalização é rigorosa com quem tem uma fábrica de fundo de quintal, a gerente respondeu que realmente é rigorosa, pois os banhos feitos sem fiscalização geralmente podem causar a contaminação das redes de esgotos, pelo uso dos produtos químicos, sendo que muitas dessas pessoas descartam esses ácidos nos próprios quintais, contaminando, assim, o lençol freático. Ela realça, ainda, que é preciso estar com todos os papéis em dia, tratar adequadamente essa água usada no banho, que é controlada pela CETESB. Entretanto, a gerente alega desconhecer o fato de haver muitas empresas domésticas e sem alvará, principalmente

no bairro ao lado, Ernesto Kuhl, onde o trabalho familiar com solda e montagem acontece em quase todo o bairro. Mas ela afirma que, em Limeira, tem um lugar conhecido como “Rua da Alegria”, onde há muita produção ilegal de peças.

Segundo a CETESB, acidentes ou a falta de tratamento adequado dos efluentes podem causar perda do tratamento biológico de esgotos da região, gerando problemas no seu gerenciamento, como danos aos recursos hídricos para o abastecimento, em virtude da contaminação grave por meio do cianeto, metais, etc. e destruição dos ecossistemas aquáticos (CETESB, 2005, p.26).

Foi perguntado, também, quanto da produção dessa empresa é exportada, e apurou-se que esses números são sazonais, uma vez que depende tanto do consumo de cada país quanto de sua economia. Os países que mais consomem essas peças são os países da América do Sul e da África. Sendo essa produção sazonal, quando há poucos pedidos de peças, os trabalhadores que são terceirizados ficam à “própria sorte”, o que caracteriza o trabalho informal como instável, pois não existe nenhum direito trabalhista, nem o compromisso dos donos dessas indústrias com os trabalhadores do setor, uma vez que não fazem parte do quadro efetivo da empresa.

Outro fato interessante levantado nessa entrevista se dá através da informação de que muita gente de fora do país, que vive em Limeira ou nas redondezas, compra peças em estado bruto, terceirizam o banho e mandam para seus países de origem.

Quanto ao fato de a empresa precisar importar alguns produtos, a gerente diz que as correntes são os itens mais importados, vindas, principalmente, da Alemanha e da China. São correntes com modelagens diferentes, compradas por metro, e cortadas dentro do padrão de medidas usadas. Logo depois, é posta em suas pontas a marca da empresa, mas quando há necessidade de compra da modelagem de correntes comuns, essas são encontradas no Sul do país, onde há fábricas que só fazem correntes. Quanto mais fina, menor é a produção, pois essa corrente acaba sendo leve e barata, trazendo poucos dividendos para a empresa. A gerente da fábrica justifica que não há vantagem em fabricar as correntes na própria empresa, pois, às vezes, é necessário trabalhar 24 horas para fazer 200 gramas de corrente, lembrando, ainda, que há todos os gastos da manutenção mesmo para a fabricação de uma peça tão barata.

Na empresa pesquisada são fabricados brincos, pingentes e anéis, sendo que, a produção deste último item vem caindo, pois não há mais demanda para anéis folheados.

1.5 Os males causados pelos ácidos na produção de joias e bijuterias.

Já se sabe que os ácidos usados no processo de produção das joias e bijuterias em Limeira têm um efeito prejudicial à saúde das pessoas que os manipulam sem nenhum tipo de segurança, o que geralmente acontece quando esse trabalho é feito de forma terceirizada, em ambiente familiar ou em fábricas no fundo de quintal.

Os banhos galvânicos são, em sua maioria, feitos em soluções aquosas, e a maioria dos seus efluentes necessita de um tratamento antes de serem descartados na rede de esgoto, uma vez que possuem, em sua composição, os ácidos. Quando não tratados adequadamente, esses efluentes podem causar uma contaminação nos recursos hídricos da cidade, prejudicando a distribuição de água e podendo levar a contaminação para dentro dos lares, além de prejudicar o ecossistema.

Nas empresas registradas é possível que haja um maior controle sobre o tratamento da água usada nos processos galvânicos, mas a maior preocupação de alguns órgãos públicos e também do Sindijoias é com as empresas que surgem, a todo momento, na cidade, as quais, além de não terem uma estrutura adequada para o manuseio dos ácidos, desprezam as soluções aquosas de forma incorreta, ou as descartam no próprio quintal das casas onde se dá a produção das peças.

Para mostrar o perigo do manuseio dos ácidos sem os devidos conhecimento e proteção, mostraremos esses riscos já constatados nos primórdios do capitalismo e traremos para os dias atuais alguns sintomas, mostrando que o perigo enfrentado pelas crianças em Limeira no manuseio dos ácidos não é uma questão tão atual.

(...) o trabalho mais insalubre, porém, é realizado pelos operários que têm por tarefa mergulhar os produtos já prontos num líquido que contém grande quantidade de chumbo (às vezes também de arsênico) e por aqueles que têm que recolher as cerâmicas mergulhadas nessa solução. As mãos e as roupas desses operários – crianças e homens – estão sempre molhadas com esse líquido que enfraquece a pele e fá-la escamar-se, o manuseio constante de peças ásperas causa-lhes feridas que frequentemente sangram e, com a pele já vulnerável, favorecem a absorção daquelas substâncias nocivas. Disso resultam dores violentas

e graves doenças estomacais e intestinais, uma persistente prisão de ventre, cólicas, por vezes consumpções e, nas crianças, com enorme frequência, ataques de epilepsia. (ENGELS, 2010, p. 240)

É certo que, nos dias atuais, segundo a CETESB, os ácidos usados na produção de joias são outros, mas muitos dos sintomas oriundos da inalação, ingestão e do contato diários são similares aos documentados por Engels.

Dos ácidos usados no processo de produção de joias e bijuterias, a dose fatal dos sais de cianeto usados no processo de galvanoplastia (prata, cobre, sódio e potássio) são estimadas entre 200 a 300 mg para um adulto, lembrando que uma pequena quantidade (180mg) e a inalação de concentrações de ar de 200 a 300 ppm podem ser fatais. Na absorção, a quantidade de 100 mg de cianeto de sódio já pode ser letal. Os sintomas decorrentes da contaminação por cianeto são tontura, náusea, vômitos, contração e sufocamento no pescoço, confusão mental, inquietação e ansiedade, hipertensão, cefaléia, além de outros. Trabalhadores que manipulam esse tipo de ácido, a longo prazo, em especial os galvanoplastas, relataram mudanças funcionais na audição, perda de apetite, irritação no trato respiratório superior e dermatites (FIGUEIREDO:TRAPÉ, 2007, p.102-103; CETESB, 2005, p.43-44).

Os trabalhadores expostos, em um curto prazo, ao acetato de cádmio poderão apresentar irritação na garganta, no nariz e nos pulmões, causando tosse e dificuldade respiratória. A exposição a altas concentrações pode levar a edemas pulmonares, e, a longo prazo, pode afetar o desenvolvimento dos fetos, dano permanente nos rins e fígado, anemia, perda do olfato, fadiga e manchas amareladas nos dentes (CETESB, 2005, p. 45).

O EDTA (Etilenodiaminotetraacetic Acide) e seus sais, também encontrados no processo de galvanoplastia, são extremamente cáusticos aos olhos, à pele e às mucosas. O sulfato de cobre, quando em contato com os olhos, pode causar conjuntivite, edema nas pálpebras, ulcerações e turbidez da córnea. Se ingerido, dores, taquicardia, falência hepática e renal além de outros. Os compostos de cloreto de níquel foram considerados cancerígenos e, em contato com a pele, podem causar dermatite de contato. Já o nitrato de prata causa um escurecimento da pele, com certo brilho metálico, em contato com os olhos pode causar cegueira e, se ingerido, pode ser letal. O iodeto de potássio quando inalado pode causar edema pulmonar entre outras complicações. O dicromato de sódio e de potássio foram considerados cancerígenos,

podendo causar perfuração do septo nasal, queimadura e formação de vesículas - se ingeridos, pode haver corrosão da mucosa da boca, língua e muitas outros tipos de queimaduras (CETESB, 2005, p.45-48).

Não podemos esquecer que muitas são as empresas que têm as ferramentas apropriadas para o manuseio dos ácidos e que os funcionários usam equipamentos para sua segurança. O que estamos tentando demonstrar, levando em consideração o objeto de trabalho dessa dissertação, é que os banhos e a solda realizados, muitas vezes, nas próprias residências – onde não há o equipamento de segurança necessário –, deixam muitas crianças, tanto as que trabalham nesse setor como aquelas que têm contato em casa, por meio da atividade realizada pelos pais, vulneráveis à contaminação e aos acidentes causados pela falta de estrutura e de segurança.

1.6 O trabalho no setor de joias e bijuteria na cidade de Limeira.

A realidade do trabalho infantil, no setor de joias e bijuterias, existente no município de Limeira, chama a atenção por ser uma realidade pouco conhecida no Estado de São Paulo e na região. Pensando nisso, pretendemos discutir e refletir um pouco sobre essa situação no meio acadêmico e dar ênfase, ainda, aos aspectos simbólicos, culturais e históricos, demonstrando, assim, a relação intrínseca desses aspectos com o trabalho infantil.

A importância do debate sobre as relações de trabalho desenvolvidas na sociedade capitalista e, mais especificamente, sobre o trabalho infantil pode ser verificada em todo o mundo e por isso, também, na realidade brasileira. Essa temática, como nos lembra Marques, por exemplo, pode ser assim verificada

[o] exame da bibliografia sobre a realidade do trabalho infantil no contexto brasileiro revelou que existe um volume considerável de trabalhos produzidos sobre essa questão. No entanto, a maioria dos estudos dão ênfase aos aspectos jurídicos, econômicos e demográficos relacionados ao assunto em detrimento dos níveis simbólicos, culturais e históricos presentes nessa configuração. (MARQUES, 2001, p.113)

Mesmo sendo um relato de 10 anos atrás, após fazer a revisão da bibliografia, notou-se que pouco ou nada mudou com relação à importância dessa temática e que os

seus aspectos que mais se trabalham, até hoje, ainda são os jurídicos, os demográficos e os econômicos.

Pensando nessa perspectiva, este trabalho pretende, mesmo que de forma sucinta, contemplar alguns dos aspectos mencionados por Marques, não deixando de focar também os aspectos jurídicos, econômicos, sociais e demográficos.

Iniciando pelos aspectos simbólicos da pesquisa, podemos observar que quando uma criança brinca com base na percepção que tem do mundo adulto, ela retrata não só cenas do cotidiano como também os sentimentos e conflitos, transformando a atividade lúdica em um momento de aprendizado, uma forma simbólica de se tornar adulto. Considerando o trabalho como um princípio educativo, entendemos que os afazeres que as crianças exercem diariamente em casa, no campo e até no comércio da própria família, não podem ser considerados como trabalho infantil exploratório¹⁰, sendo esse conceito melhor aplicado às crianças que, desde cedo, exercem uma atividade regular para ajudar no em seu sustento e no de suas famílias. Esse trabalho executado em casa –, como ajudar nos afazeres domésticos ou até mesmo no comércio da família, como a organização do local e o auxílio nas atividades –, pode ser considerado tarefa leve, a menos que se tornem uma sobrecarga de trabalho, o que irá prejudicar o andamento das atividades normais de uma criança, tais como brincar e estudar.

Tarefas simples delegadas pelos próprios pais, como lavar a louça, arrumar a própria cama, entre outras, não podem ser consideradas como exploração da mão de obra infantil, mas devem, sim, ser consideradas como um processo de aprendizagem (FERREIRA, 2005, p.33).

Esse ingresso precoce das crianças em algum tipo de trabalho se dá por vários motivos, tais como a situação de carência econômica da família, que obriga os pais, muitas vezes, a inserirem as crianças no ambiente de trabalho, e, principalmente, a falta de vagas e de estrutura em creches e escolas, que dificultam a vida dos pais trabalhadores, conforme apontam muitas mães e até mesmo as professoras das crianças que trabalham no setor de joias de Limeira, como podemos observar na fala de uma representante do bairro estudado:

(...) ela não tem opção. Ela não tem opção de ir lá fora e procurar um trabalho registrado pra ela. Por quê? Às vezes a mãe, ela tem duas ou três crianças e ela não tem onde deixar essas crianças, porque nosso bairro tem catorze anos e a gente teve a promessa, desde o início desse bairro, que a gente teria uma creche dentro do bairro. Há catorze anos atrás, a gente tinha uma promessa de ter uma creche dentro do bairro e não sei por que, quando sai o projeto de uma creche, eles levam pra outro bairro. Aí, o que acontece? Eles querem que o pessoal do bairro, saia desse bairro e vá levar essas crianças em outro lugar. Por exemplo: uma mãe com três crianças, que hora que ela vai ter que levantar de manhã pra levar, organizar essas crianças e levar em outro bairro pra depois ela sair pra um trabalho? Você entendeu? Então não tem, realmente é muito difícil, é muito difícil. Aí, eles falam “Não, mas a creche do (...), agrega o povo do (...),” “ A creche do (...), agrega o povo do (...).” Quando você vai lá procurar uma vaga, você não acha em lugar nenhum, certo? Aí tem a creche do (...) lá no centro da cidade. Também não tem vaga para o povo desse bairro, entendeu? Em nenhuma creche tem vaga (REPRESENTANTE DO BAIRRO, 2010).

Deparamo-nos com esse mesmo discurso entre o corpo docente: além de ser difícil mandar a criança para alguma creche, também existe a vantagem de a criança, em casa, poder ajudar nos afazeres domésticos e, muitas vezes, na própria confecção das peças, dificultando, assim, a aprendizagem na escola. Nesse sentido, a diretora da Unidade Escolar, que atende as crianças do bairro, expôs:

Nós estamos no bairro de maior índice de exclusão social do município e menor Índice de Desenvolvimento Humano do município. Esse é um bairro que traz o Índice de Desenvolvimento Humano do município, como um todo, pra baixo. O trabalho com jóia é um trabalho informal. Não são famílias que têm, que teriam condições nem de escolaridade e nem outras condições de inclusão no mercado formal. Nós temos um déficit de creches, isso impossibilita as mães de deixarem as crianças com outras crianças. Nós somos uma área onde a escolaridade é baixíssima. E, então, me parece que a gente tem um campo propício para esse trabalho de jóia que não precisa ter, digamos... que quem trabalha na semi-jóia, trabalha com uma certa autonomia de horário, uma certa autonomia de entrega. Então a gente tem esse contexto favorável. Por outro lado, nós temos uma lógica eleitoral quadrienal, que eu não percebo projetos sociais de médio e longo prazo. Eu percebo projetos sociais de curto prazo, que condizem com essa lógica eleitoral quadrienal. Então, ao mesmo tempo que eu percebo o impacto do trabalho nessas crianças, eu também percebo um afastamento do executivo, público, dessa comunidade porque ela exigiria, com certeza, um trabalho mais sistematizado de médio e longo prazo no sentido de aumentar escolaridade, fomentar núcleos de geração de renda, trazer, por exemplo, princípios da economia solidária, um núcleo de economia solidária pro município, eu acho que seriam antídotos para estas famílias acessarem renda de uma outra maneira. Agora fica muito evidente que as crianças envolvidas com trabalho, seja ele na semijoia, seja ele o trabalho doméstico ou a composição (...) nossas crianças estão “afeitas” ao trabalho, na

verdade, desde muito cedo e é um aspecto cultural da nossa comunidade. Desde o momento da ocupação do espaço, as crianças têm trabalhos muito claros. As famílias são grandes, eu tenho uma dificuldade muito grande na recuperação paralela que é no contraturno, as mães brigam comigo porque elas não podem mandar as crianças no contraturno, porque elas têm outras obrigações em casa com irmãos mais novos, seja com trabalho, seja fazendo um bico com vizinho, olhando outras crianças, enfim, no trabalho da semijoia. Nós temos um embate, todo ano, quando essas crianças apresentam rendimento menor; a contrapartida que a escola tem legal seria a recuperação paralela e eu não consigo empreendê-la a contento, em função de que essas crianças têm outras ocupações na semijoia e em outras atividades. Então é muito nítido o impacto negativo que essa comunidade imprime na escolarização das crianças por aspectos econômicos, culturais. Essas crianças, de fato, ficam em defasagem em relação a outras crianças que não estão submetidas a essa mesma jornada dupla, por assim dizer (DIRETORA, 2010).

Percebe-se, através da fala da diretora, que não apenas a falta de vagas em creches facilita a entrada da criança no meio de trabalho doméstico, mas também a facilidade que representa para a mãe ter a criança dentro de casa ajudando na confecção das peças, nas tarefas domésticas, ou, ainda, cuidando dos irmãos menores. É importante ressaltar que essa situação é consequência não só dos aspectos culturais existentes nesse bairro, mas também da falta de envolvimento do poder público em criar alternativas para sanar esse quadro, mostrando a ineficiência de suas ações junto a sua comunidade.

São essas questões de ordem econômica, culturais e estruturais que envolvem a mão de obra infantil no setor de joias e bijuterias que existem na cidade de Limeira - fato levantado não apenas pelo corpo docente da escola estudada e pelos pais dessas crianças, mas também por representantes sindicais, vereadores e pela imprensa local.

Faz-se necessária a ressalva de que muitos dos filhos da população mais carente são levados ao trabalho pelos próprios pais, principalmente quando se tratam dos trabalhos informais. No caso das mães, quando realizam o trabalho dito doméstico, elas também levam as meninas à casa da patroa, possibilitando que essa criança seja inserida quase que imperceptivelmente nesse meio, que a levará ao trabalho infantil.

1.7 Identificação do bairro e da escola estudada.

Para a realização do trabalho empírico foi selecionado o bairro Jardim Residencial Ernesto Kuhl, bairro que tem em suas raízes o fato de ter sido inicialmente formado por ocupação e que só no ano de 1996/97 é que foi dividido em loteamentos pela Prefeitura Municipal de Limeira. Nos dias atuais, segundo a Prefeitura da cidade, esse bairro é formado por 1407 lotes urbanos e abriga uma população estimada em 7035 moradores, o que nos dá, aproximadamente, cinco moradores por casa. Os dados da Prefeitura trazem, ainda, a informação que a faixa de renda por família é de dois a cinco salários mínimos.

Para se ter uma noção do que era o bairro no começo de sua ocupação e como eram as condições de moradia das pessoas que ali habitavam, ilustraremos com algumas imagens que demonstram as raízes do Jardim Ernesto Kuhl.

IMAGEM 8 – Ocupação do bairro Ernesto Kuhl

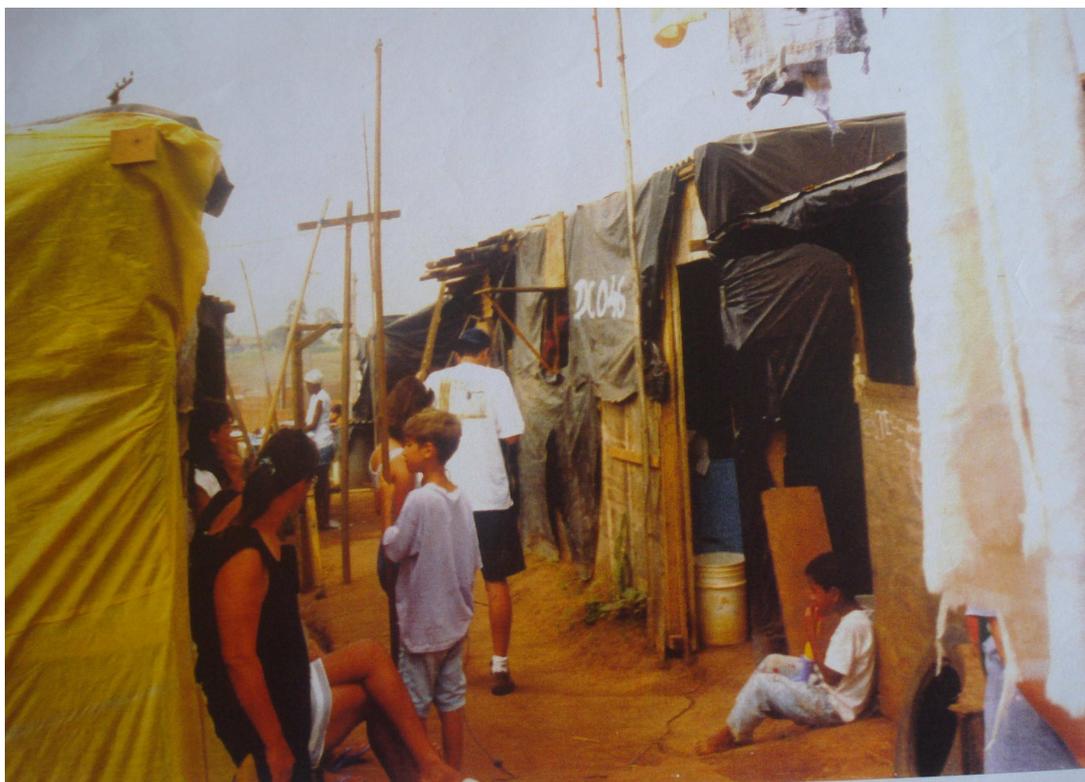


Imagem do arquivo pessoal da Presidente da Associação de Moradores

Por um longo período de tempo, os moradores do bairro Ernesto Kuhl não tiveram acesso a alguns serviços básicos, como água, esgoto, energia elétrica, asfalto, linha de ônibus, posto médico, serviços de correio, telefonia fixa ou qualquer outro

aspecto fundamental para o desenvolvimento da urbe, o que prejudicou muito as condições de higiene e habitação do povo daquela área.

IMAGEM 9 – Falta de saneamento básico



Imagem do arquivo pessoal da Presidente da Associação de Moradores

Atualmente, esse bairro abriga muitos trabalhadores terceirizados, informais, e, por sua vez, ali acontece o trabalho infantil. É praticamente um polo de trabalho terceirizado de joias e bijuterias a céu aberto. Ao caminhar pelo bairro é possível observar crianças trabalhando até mesmo nas calçadas, assim como as mulheres e os idosos, uma vez que a renda familiar da maioria das famílias é insuficiente para todos os membros, de acordo com um questionário realizado pela Unidade Escolar Prof^a Maria de Luca Moore com alunos e familiares, em sua maioria moradores do bairro Ernesto Kuhl. No entanto, os dados conseguidos com esse questionário se contrapõem aos oferecidos pela Prefeitura, pois os moradores alegam uma renda mensal de um a dois salários mínimos.

O trabalho em casa, feito pelas crianças se torna uma opção, visto que os pais veem nessa forma de trabalho mais que um complemento da renda familiar, pois ela

representa, muitas vezes, a chance de a criança trabalhar, ficando afastada do “mau caminho”, como se observa em muitas falas de pais, como, por exemplo:

(...) Geralmente é a criança de dez anos pra cima, de onze anos pra cima que a mãe... que ele já começa a querer... é a pré-adolescência, que ele já começa a querer ir pra rua...a menina. O menino e a menina, é nessa idade que ele começa a querer ir pra rua. Então é nessas horas que a mãe procura essa ocupação pra ele porque até os dez anos, a criança tá na barra da mãe ainda, ela não desgruda da mãe. Começou uma pré-adolescência, ele já começam querer ir na casa de uma amiguinha, de um amiguinho. Então é aonde é que vai esse trajeto aí e que eu acho que a mãe tenta impedir, nessa hora que ela coloca pra ajudá-la (REPRESENTANTE DO BAIRRO, 2010).

Não é difícil perceber, ao caminhar pelo bairro, que muitas das casas têm de 3 a 5 cômodos, e segundo o questionário escolar, são próprias ou financiadas.

Nessa comunidade, poucas pessoas têm acesso a convênios médicos, a maioria se utiliza do SUS, e as famílias que usufruem de convênio tanto médico como odontológico conseguem devido ao trabalho dos pais em alguma empresa. É importante salientar que muitas dessas famílias têm acesso ao programa do governo Bolsa Família, que ajuda a complementar a renda familiar e, na maioria das vezes, é o que mantém as crianças na escola, segundo dados coletados na Unidade Escolar Prof^a Maria de Luca Moore.

Nas horas de lazer, quando as crianças que trabalham com as joias ou bijuterias não estão exercendo essa atividade, elas se divertem nas praças ou brincam na rua, como constatado ao caminhar pelo bairro. Como o bairro é próximo à escola da pesquisa, os alunos, em sua maioria, vão para aula a pé mesmo porque nem todos possuem veículos particulares.

Nesse bairro foram realizadas as entrevistas com algumas famílias de crianças trabalhadoras e foram coletadas as informações que justificam o trabalho dessas crianças para os pais. É importante salientar que não há tanta facilidade em adentrar os lares e colher depoimentos sobre o assunto, uma vez que muitas famílias se sentem amedrontadas pelo fato de terem dentro de casa o trabalho infantil.

É muito intensa e mesmo comum, entre os moradores, a convivência com o trabalho com as joias e bijuterias e também com o trabalho infantil. Essa característica

do bairro se explicita quando nos deparamos com cartazes para a contratação desse trabalho até mesmo em seu centro comunitário, como podemos perceber na imagem a seguir. Percebe-se, assim, a importância do bairro para as indústrias de bijuterias, já que a maioria das empresas clandestinas terceirizam quase 100% do processo de produção de suas peças.

IMAGEM 10 - Cartazes

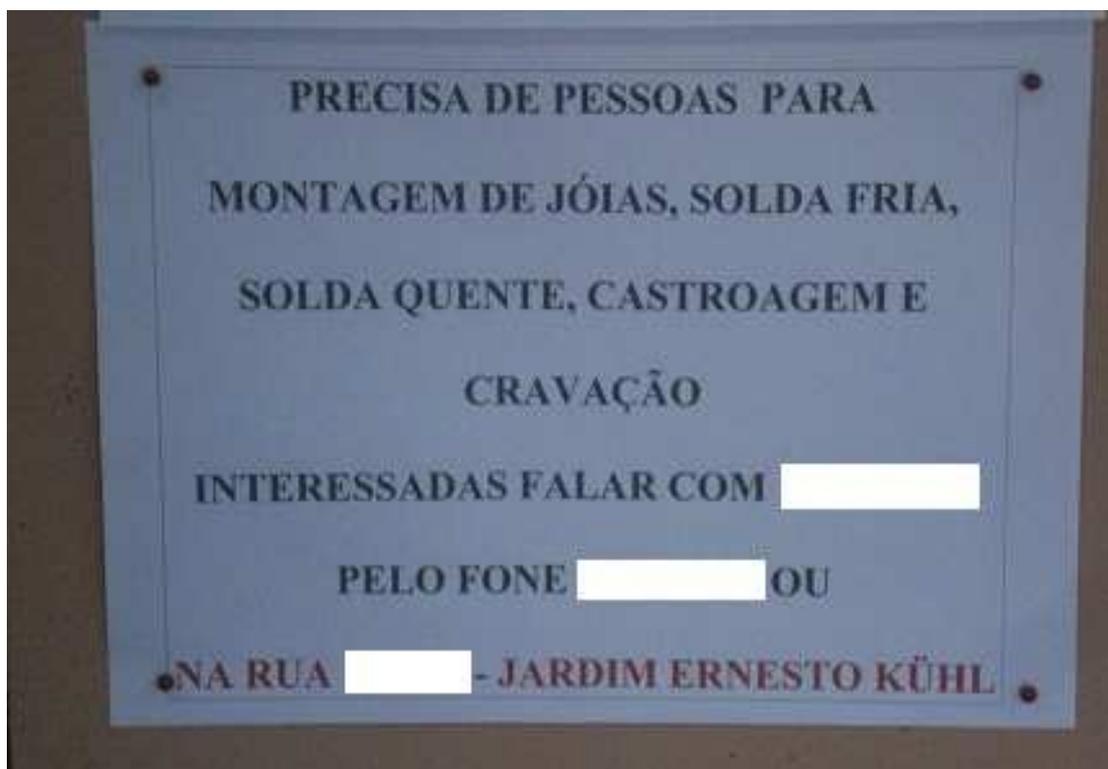


Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora

A escola que recebe as crianças desse bairro situa-se no Jardim Aeroporto, bem ao lado do bairro Ernesto Kuhl. Com o Projeto Gestor, o Projeto Político Pedagógico e outros documentos coletados na escola, foi possível fazer um esboço da Escola Prof^a Maria Aparecida de Luca Moore, assim como de suas condições econômicas, sociais e culturais, o que nos direcionou a algumas pessoas e instituições que complementaram os dados para a elaboração da dissertação, entre elas pessoas da comunidade local.

Nessa escola funcionam o Ensino Infantil e o Ensino Fundamental do primeiro ciclo no período da manhã e da tarde, e, no período noturno, a escola sedia salas para o

Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Segundo o Plano Gestor (2007-2010), a capacidade de atendimento foi pensada para 900 alunos, considerando-se a estrutura física, o mobiliário e, principalmente, as necessidades advindas da comunidade local. Atualmente, a escola tem matriculados, aproximadamente, 300 alunos na Educação Infantil e 800 no Ensino Fundamental, o que excede o número de alunos previsto para esta unidade escolar.

Outro dado importante, coletado nos documentos fornecidos pela escola, é a pesquisa social realizada por ocasião das rematrículas feitas pela unidade escolar, o que mostrou de onde vêm os alunos atendidos pela escola e quais as possibilidades econômicas dessa população. A pesquisa foi realizada em forma de questionários entregues aos alunos no ato da matrícula. Dos aproximadamente 1100 alunos, 684 questionários foram devolvidos, sendo que destes, 17 questionários retornaram em branco.

Por meio desse questionário foi possível observar que a maior parte dos alunos dessa unidade escolar são oriundos do bairro Ernesto Kuhl, e também tem irmãos nessa escola. Muitas foram as famílias que declararam ter casa própria ou financiada, não deixando de ressaltar que a maioria das crianças que a escola atende vive em um bairro formado por ocupação, como já explicitado. Foi constatado, ainda, que, em cada residência, moram duas ou mais pessoas, mas há algumas casas em que esse número chega a cinco pessoas ou mais.

1.8 “Eu só ajudo em casa”.

O trabalho subcontratado, ao longo da história, tem aparecido das mais diversas formas, sendo o trabalho em domicílio uma de suas vertentes. Sua existência, até recentemente, era encarada como uma forma de sobrevivência do pré-capitalismo. Entretanto, a partir das décadas de 1970 e 1980, as mudanças na organização do trabalho e o desenvolvimento das tecnologias microeletrônicas desencadearam o aumento da subcontratação, estimulando o reaparecimento das pequenas firmas, dos artesãos e os trabalhadores em domicílio (ABREU; SORJ; JORGE; 1994, p. 63).

As empresas, na busca pela diminuição dos custos de produção frente ao aumento da competição mundial, a descentralização do processo de produção mostrou-

se muito atraente, uma vez que possibilitava a diminuição dos custos. Muitas empresas acabaram distribuindo suas operações por uma vasta cadeia de pequenas empresas e trabalhadores em domicílio, não apenas nacionalmente, mas também em âmbito internacional por meio das empresas multinacionais. Este é um fenômeno que vem difundindo-se em nível global, principalmente em países em desenvolvimento como o Brasil, e afetando muitos trabalhadores (ABREU; SORJ; JORGE; 1994, p. 63).

Na América Latina, o trabalho em domicílio constituiu uma nova forma de inserção trabalhista em um contexto caracterizado pela fragmentação e pela redistribuição dos processos produtivos, pela flexibilização do mercado de trabalho e pela atomização das relações trabalhistas. Todos os estudos feitos, até os dias de hoje, mostram que o número de trabalhadores em domicílio é significativo e pode estar em expansão, afinal, apesar da existência dos aspectos legais, essa modalidade de trabalho não tem registro e nem é objeto de proteção, portanto não se consegue saber ao certo, quantos estão nela envolvidos (LAVINAS, et al, 1998 apud FERREIRA, 2005, p.29). Sem contratos, esse trabalho, na informalidade, acaba por ficar quase imperceptível aos olhos da lei.

O ocultamento do trabalho a domicílio é ainda reforçado pela composição sexual desta categoria, quase que exclusivamente feminina (...). Estar sempre dentro do espaço doméstico, mesmo quando se está realizando uma atividade remunerada, permite uma supervisão e orquestração das atividades domésticas e dos cuidados dos filhos que seria impossível numa outra relação de trabalho (ABREU; SORJ; JORGE; 1994, p.64 - 67).

Nessa organização familiar, muitas crianças ficam suscetíveis ao trabalho infantil, uma vez que, por estarem em casa, acabam iniciando-se no processo de produção. Em Limeira, é possível perceber que o trabalho em domicílio ocorre da seguinte maneira:

Distribuidores contratados pelas empresas fabricantes percorrem residências próximas às fabricas, partilhando as tarefas a serem realizadas e que compreendem, em sua maioria, operações manuais, pelas quais a remuneração oferecida é bastante reduzida. O trabalho é realizado geralmente por mulheres, e/ou demais elementos da família, crianças e idosos, categorias de força de trabalho que estão provisória ou definitivamente fora do mercado de trabalho, com baixa qualificação (FERREIRA, 2005, p.31).

Essa definição dada pelo autor é caracterizada como *Trabalho a Domicílio Distribuído* e se enquadra nas relações de trabalho das crianças com joias e bijuterias observadas em Limeira, exceto pelo fato de que, nesse município, os distribuidores vão mais longe, uma vez que foi observada essa relação de trabalho em domicílio também em bairros periféricos, longe das indústrias, como o bairro pesquisado, onde a renda principal é oriunda desse tipo de trabalho informal.

Esses distribuidores são conhecidos no bairro como atravessadores. Eles recebem o material a ser transformado nas joias ou bijuterias e repassam para os moradores. Muitos foram os relatos acerca desses distribuidores, como evidenciam algumas falas, quando eles discutem os valores pagos aos trabalhadores pelo serviço executado:

(...) eu acredito que seja a média de R\$ 20,00 reais por aí o valor da fábrica e o atravessador... aí, o atravessador, ele vai lá faz um contrato com a fábrica e depois ele pega todo um trabalho e sai distribuindo na rua, (...) ele provavelmente vai pagar R\$ 10,00 reais o milheiro. Tem gente que paga R\$ 8,00 reais o milheiro pra pessoa soldar, entendeu? Varia. Tem de vários preços, certo? Agora eu acho que essas fábricas que têm essas pessoas, esses atravessadores aí, deveriam se conscientizar disso, e fazer de uma forma diferente, porque eu acredito que isso daí é uma humilhação a uma pessoa que trabalha. É uma humilhação. A mão de obra, ela se torna muito barata para as pessoas que trabalham e para quem só vai lá pega e sai... tá certo que ele tem o trabalho dele também, mas o trabalho dele não chega igual ao da soldadeira, que tá ali sentada soldando (REPRESENTANTE DO BAIRRO, 2010).

Nesses bairros, nessas casas, são produzidas uma grande quantidade de peças. As peças são pagas aos trabalhadores por cada milheiro¹¹ produzido. Como o valor do milheiro de peças costuma ser muito baixo, esses trabalhadores, geralmente as mães e os filhos, se veem obrigados a trabalhar principalmente com a solda, pois é a atividade com a qual se consegue um valor maior pelo milheiro, além de precisarem produzir muitas peças para atingir um valor suficiente ao menos para alimentação, como podemos perceber na fala desta mãe:

(...) olha, eu vou falar assim na visão do meu trabalho. Eu acredito que ela não ganha. A pessoa que faz a solda quente aqui, ela não ganha mais que R\$ 12,00 o milheiro de solda quente. E a montagem, eu

¹¹ De acordo com as entrevistas feitas, pode-se apurar que cada milheiro de peças soldadas, montadas e cravadas - não necessariamente feitas pelo mesmo trabalhador -, tem o valor de aproximadamente cinco reais. Esse valor é um pouco mais alto para as empresas, pois o interceptador que repassa as semijoias a serem trabalhadas ganha um valor sobre elas.

acredito que ela não ganha mais que R\$ 5,00 o milheiro. Essa é a média do que eu vejo aqui dentro (REPRESENTANTE DO BAIRRO, 2010).

Na pesquisa feita pela empresa Limite Consultoria entre os proprietários das indústrias pesquisadas, pôde-se constatar que o número de peças fabricadas é, realmente, alto, considerando-se o volume estimado da produção mensal de joias e bijuterias em Limeira. Num total de 456 empresas cadastradas, a quantidade varia entre 185.463.855 e 193.522.409 de peças produzidas. Mesmo sem a apuração de todas as indústrias do ramo, é possível visualizar que as empresas, para atingirem esses números exorbitantes de peças, usaram muito o trabalho terceirizado e, por que não dizer, familiar.

Não só a produção de peças é elevada como também a relação de trabalhadores contratados e terceirizados. Considerando-se que Limeira¹² é uma cidade de médio porte, o número estimado de empregados, no setor de joias e bijuterias, contabilizando os funcionários empregados regularmente e os terceirizados, das 456 empresas cadastradas, varia entre 10.672 e 15.422. Em 1º de janeiro de 2009, o número de empregos formais, em Limeira, segundo o Ministério do Trabalho, era de 65.444, num total de 12.304 estabelecimentos. Não podemos nos esquecer de que esses números sobem drasticamente quando se leva em consideração as empresas clandestinas que atuam no setor.

É com preocupação de produzir ainda mais e de reafirmar seu nome junto às empresas exportadoras¹³ de joias e bijuterias, que essas empresas, em Limeira, acabam terceirizando, cada vez mais, partes do seu processo de produção e ampliando, ainda mais, a cadeia de trabalhadores em domicílio, atingindo cada vez mais bairros, aumentando, assim, o número de lares, o número de trabalhadores e o número de crianças nessa rede de serviços.

1.9 “É no seio familiar que se encontra o conforto do trabalho”.

¹² Em 2008, Limeira tinha aproximadamente 279.000 habitantes. FONTE: SEDAE.

¹³ A pesquisa feita pela empresa Limite informa que 32% das empresas estudadas exportam sua mercadoria, principalmente para países da América Latina.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2003) define família como sendo “o conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência que residem na mesma unidade domiciliar”. Esse conceito se apresenta mais abrangente uma vez que não dá preferência ao termo de família nuclear¹⁴.

Independentemente se a família se constitui como sendo nuclear ou não, essa tem em seu seio familiar um sistema social de normas, ou seja, de regras de conduta social. Essas regras, por sua vez, podem ser formais, por exemplo, a monogamia, ou informais, como a carga de quem ficará a limpeza da louça após o jantar. Tendo por base essas regras é que os pais escolhem o que as crianças deverão fazer, e, se preciso for, vão alocá-las no mercado de trabalho informal.

Com a falta de recursos financeiros, pais que não possuem o mínimo para suprir as necessidades de subsistência de sua família se vêem obrigados a inserirem suas crianças em atividades de trabalho. Existem outros fatores que também influenciam a entrada da criança nesse mercado como a baixa atratividade da escola, a baixa capacidade de a família deixar um legado e o mercado de crédito imperfeito (BALAND; ROBINSON, 1999 apud NICOLELLA, 2006, p.12). Depois que as crianças se veem inseridas no mercado de trabalho, o tipo de ocupação se torna importante, já que quanto menos abastada for sua família maior poderá ser a necessidade de a criança assumir trabalhos mais arriscados por períodos mais longos.

As ocupações disponíveis para essas crianças estão, em grande parte, situadas no setor informal da economia, seja no espaço doméstico ou na rua. Nos casos extremos, algumas crianças são encontradas sozinhas, sem nenhum vínculo familiar, “abandonadas”. Na maior parte das vezes, porém, contribuem significativamente para a sobrevivência de suas famílias. Para elas, a criança não se define como espaço preservado das responsabilidades dos adultos (CAMPOS, 1993, p.117).

Algumas consequências que são atribuídas ao trabalho infantil, tanto no que se refere à infância da criança, como à sua vida adulta, são de extrema relevância para o estudo, uma vez que o trabalho infantil pode afetar física e psicologicamente a saúde da criança, além de poder interferir na aquisição de educação e de capital humano (SANTOS, 2006, p.1).

¹⁴ Entendo como definição de família nuclear a família composta por pai, mãe e filhos.

Outros autores, como Dauster (1992), consideram que, como o trabalho do homem e da mulher, o trabalho dos filhos também faz parte do compromisso moral entre as pessoas da família, e esse compromisso nada mais é que um sistema relacional de ajuda e de troca dentro da família. Aos pais cabe o papel de dar casa e comida aos filhos, o que implica retribuição por parte da prole (SARTI, 2005, p. 104). Esse fato também aparece nas palavras de Engels, em que ao operário fabril é designado um salário para garantir aos filhos uma educação, mas apenas o suficiente para que não possa dispensar o salário dos filhos e não faça deles algo mais do que um operário. O salário de todos da casa acaba sendo um fator positivo, pois se a família inteira trabalha, vive-se razoavelmente bem, ao passo que aqueles que contam com poucos membros empregados vivem muito mal (ENGELS, 2010, p. 119).

Nesta visão o trabalho infantil pode aparecer com “naturalidade”, uma vez que sai do conceito de ilegalidade para o conceito de obrigação e necessidade, como constatado em muitas falas, não só no na Inglaterra fabril, mas também nos dias atuais, entre os pais e representantes do bairro estudado, onde há o trabalho infantil.

Pensando nisso, questionamos as pessoas envolvidas nesse meio, para saber o porquê de muitos deles considerarem o trabalho realizado pela criança como algo positivo para sua vida. Entre essas falas, destacaremos a de uma mãe que também é representante do bairro pesquisado:

(...) olha, na verdade eu acho que na questão humana da criança eu acredito que sim, ele é importante na criação de um filho, porque o tempo que essa criança está junto com a mãe, lá fechando uma argolinha de serviço de jóia, ele não está na rua aprendendo coisas que não deve, por exemplo, ver as pessoas usando drogas, ficar envolvida no meio de tráfico, entendeu? Então isso eu acho importante. Eu acho que no fechar de uma argolinha, vai salvar essa criança da rua (REPRESENTANTE DO BAIRRO, 2010).

É com naturalidade que o trabalho da criança é visto entre essas pessoas, tanto que, quando questionadas sobre as reportagens que traziam dados alarmantes sobre a saúde da criança trabalhadora, essas mães rebatiam dizendo que entre as crianças do bairro nada havia acontecido, negando ainda, o risco no uso da solda.

(...) Machucar com a solda? Não, graças a Deus nunca, ninguém. Nem problema de bujão, maçarico, essas coisas, nem problema de eletricidade, nunca deu problema (MÃE 1, 2010).

Devemos lembrar, entretanto, que os locais de trabalho informais, especialmente os domicílios – assim como seus equipamentos, móveis, utensílios – não foram projetados para esse fim, o que pode, portanto, provocar problemas de saúde e riscos de acidentes aos trabalhadores, como já constatado por Engels no século XIX:

(...) nociva é a fiação úmida do linho, executado por moças e crianças: a água solta dos fusos, encharca as roupas e deixa molhado o piso; o mesmo ocorre, embora em menor medida, nas sessões de dobagem do algodão; o resultado são resfriados crônicos e afecções pulmonares (ENGELS, 2010, p.200).

Na mesma linha, Ferreira, ao analisar as implicações do trabalho infantil no setor de joias folheadas em Limeira, constata que:

Certamente problemas de saúde e danos irreversíveis poderão cometer as crianças que, por diferenças físicas, biológicas e anatômicas, toleram menos calor, barulhos, produtos químicos, radiação, etc., quando comparadas aos adultos (FERREIRA, 2005, p. 37).

Esse cenário, onde as crianças trabalham como adultos, em móveis e com ferramentas improvisadas para a função, é recorrente entre os trabalhos infantis. Em Limeira, os problemas com a saúde são ainda mais evidentes, uma vez que, para o trabalho com as joias e bijuterias, são utilizados métodos extremamente danosos à saúde das crianças, como o uso de ácidos nos banhos e a solda, como mostra a figura a seguir:

IMAGEM 11 – Solda fria



Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora

Percebe-se que as ferramentas de trabalho são improvisadas: a mesa, a vasilha com água, a tampa de maionese que armazena o ácido, a escova de dentes – e não há qualquer equipamentos de segurança. Para um adulto, o manejo com as peças já representa perigo para saúde, perigo que aumenta para uma criança, a qual passa seus dias curvada sobre milhares de peças, como se pode ver na figura, tendo que soldar, em correntes, bolinhas com menos de um centímetro.

O esforço feito pela vista, as dores nas costas, além do cansaço causado pelos movimentos repetitivos, fazem com que essas crianças, que também utilizam ácidos para fixar a solda, seja sempre um motivo de preocupação para quem assiste, de fora, a operação, pois para quem executa esse trabalho, diariamente, o manejo com a solda é encarado com naturalidade, e, quando questionadas sobre seus perigos, percebe-se que a versão desses trabalhadores é muito diferente daquelas transmitidas pelos jornais, propaladas por médicos e destoam, até mesmo, dos estudos científicos realizados sobre a saúde desses trabalhadores.

(...) a gente trabalha. O que você usa pra trabalhar é um maçarico, uma pinça. Você usa o maçarico numa mão e a pinça na outra. O local que a gente trabalha, a mesa, é forrada com piso, o lugar que você trabalha, é um piso de cerâmica assim, igual a esse aqui. Você coloca em cima e ali você trabalha. Esse lugar, como você trabalha com ácido, você tem que trabalhar com pano úmido do lado, certo? Toda vez que você termina um grupo de peça você passa o pano naquele local, pra você não colocar o braço no ácido, também não coloca. É fora, fica fora, o braço fica fora desse local. O pano úmido você usa ele para limpar a ponta do maçarico também. Esse pano é lavado, tirado esse ácido, torcido e trazido para mesa. Então é uma coisa assim: você tem que ter, a gente tem a noção da quantidade de ácido que tem que usar. Você não pode usar a mais porque se você usar o ácido a mais, ele sobe uma fumaça e aquela fumaça se ela vem para o seu nariz, é lógico que vai te prejudicar em alguma coisa. Então o trabalho certo mesmo da jóia de quem trabalha com ácido é usar uma máscara no rosto e cuidar do seu ambiente de trabalho. Não deixar derramar ácido (REPRESENTANTE DO BAIRRO, 2010).

Em contrapartida, uma matéria publicada no jornal local, chama a atenção dos leitores ao relatar a realidade do trabalho infantil na cidade, principalmente o voltado para o mercado de joias folheadas, alertando para o perigo que este trabalho representa para as crianças que o realizam, como alertou a médica Ecléia Spiridião Bravo, representante do CEREST (Centro de Referência em Saúde do Trabalhador de Piracicaba): “Como a cidade tem a economia baseada nesse setor também sabemos que há utilização de mão de obra infantil. Ficamos sabendo, por exemplo, que um botijão de gás explodiu ao ser utilizado por uma criança na galvanoplastia de joia” (GAZETA DE LIMEIRA, 2007).

O risco de acidentes a que essas crianças estão expostas teve repercussão nacional, na matéria do dia 25/08/2010. Até mesmo o Governo Federal pediu intervenção para combater o trabalho infantil em Limeira e anunciou medidas imediatas, uma vez que classificou esse trabalho com joias e bijuterias como uma situação grave, principalmente após a denúncia comprovada de que onze estudantes, entre 15 e 16 anos, perderam suas impressões digitais em consequência do manuseio da solda e de um componente ácido usado para limpeza da joia (GAZETA DE LIMEIRA, 2010).

Ainda, segundo o jornal diário, *Gazeta de Limeira*, o Supervisor da Diretoria Regional de Ensino de Limeira, Antonio Cardoso de Sena, acredita que esses jovens que perderam sua impressão digital devam ter iniciado a vida profissional ainda crianças, porém, esse fato nunca havia acontecido na história da Diretoria, o que causou uma

mobilização, fazendo com que, por meio da Secretária da Justiça e da Cidadania do Estado, os jovens pudessem ter o direito de tirarem o Registro Geral - RG.

Quando questionados sobre esse fato, os pais entrevistados disseram não ter conhecimento desse caso, e afirmaram, ainda, que, em seu meio não havia ninguém com esse tipo de lesão por trabalhar no ramo de joias, como podemos observar na fala de três trabalhadoras:

(...) eu acho que pelo tanto de pessoas que nós temos aqui no bairro que trabalham com joia, eu acho que são casos, aqui, no meu bairro. Seriam uns casos isolados, porque eu não acredito que tenham mais que cinco, seis casos desses. Eu não acredito que tem. Eu acho que não tem (REPRESENTANTE DO BAIRRO, 2010).

Entre as pessoas entrevistadas inseridas nesse meio de trabalho doméstico com as joias e bijuterias, foram recorrentes as falas a favor do trabalho com as peças, pois alegam não conhecer casos de acidentes entre os trabalhadores. Muitos ainda tentam mostrar, pela própria experiência de trabalho no ramo, que essa atividade não tem perigo para quem a executa, como percebemos na fala de uma trabalhadora:

Acho que já tem uns dez anos que eu trabalho com solda. Eu soldo com solda quente e minha filha com solda fria. (...) Machucar com a solda? Não, graças a Deus nunca, ninguém. Nem problema de bujão, maçarico, essas coisas, nem problema de eletricidade, nunca tive problemas (MÃE S., 2010).

No entanto, ao entrevistar essas pessoas e conhecer seu ambiente de trabalho, é possível perceber que nem sempre a infraestrutura, para se trabalhar a peça dentro de casa, é adequada. Se até mesmo para um adulto, que manipula um maçarico a gás dentro de casa em móveis improvisados, fica difícil evitar algum acidente, o que poderá acontecer a uma criança que exerce esse tipo de função no horário oposto às aulas? É possível perceber, ainda, que, um mesmo botijão pode ter várias entradas para maçarico, uma vez que muitas pessoas trabalham com a solda ao mesmo tempo, tornando o trabalho ainda mais perigoso. Mesmo assim, os pais simplificam o trabalho com solda da seguinte maneira:

(...) não, não porque isso aqui é a coisa mais simples a (...) mesmo já sabe os esquema. Você liga o maçarico aqui, pega o pininho com a pinça que é uma pinça, ó mais ou menos aqui, o fogo já vem aqui e daqui você já põe o pino aqui e o fogo já vem diretamente e aí não tem

nem como machucar. Mais quanto tempo eu uso? Nove dias de luva queimada (MAE I, 2010).

IMAGEM 12 – Solda quente



Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora

Em contrapartida, a coordenadora da Área Técnica da Saúde do Trabalhador do Ministério da Saúde para a erradicação do trabalho infantil, Maria da Graça Luderitz Hoefel, contou ao jornal *Gazeta de Limeira* que o combate ao trabalho infantil será dividido em três frentes: a instalação do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN-NET), já utilizado por outros municípios para controle e intervenção, quando são notificadas lesões, acidentes e demais patologias, cognitivas ou psicossomáticas. Para o sistema funcionar, a segunda medida será a capacitação dos profissionais do SUS para facilitar a identificação das crianças com doenças decorrentes do trabalho, e, a partir daí, será realizado o procedimento de retirada da criança do ambiente de trabalho, com intervenção dos Órgãos; e, por último, a terceira medida, que consiste no treinamento das crianças e dos adolescentes que tenham sido identificadas

como trabalhadoras, tendo aulas de capacitação e de cursos de prevenção a acidentes de trabalho na escola onde estudam.

Outro dado alarmante, na mesma matéria, é a quantidade de crianças, 1757 no ano de 2007, que recebe recursos para evitar o ingresso no trabalho infantil – que são os benefícios do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), concedidos ao Município. A representante do Ministério do Desenvolvimento Social, Juliana Petroceli, Assessora Técnica do Ministério, disse que o fato é realmente preocupante (GAZETA DE LIEMIRA, 2007).

Pensando nessas crianças trabalhadoras da cidade de Limeira, é possível perceber que seus relatos confirmam as evidências já descritas por Ferreira, além de outros problemas que também puderam ser diagnosticados como problemas na vista, cansaço e ferimentos nas mãos, como informa uma professora:

Tem uma aluninha minha que fala “professora, acho que vou ter que ir ao médico.” “Sobre o que é?” “A minha vista.” “Nossa, mas o que você tem?” “Ah, é porque ontem eu fiquei com a minha mãe fazendo jóia, eu acho que eu forcei muito.” “Então você precisa de um oftalmo, fala pra mãe ir ao Posto ou sobe lá e fala com a Assistente Social pra ver se ela consegue uma consulta o mais rápido possível no oftalmo, que é o médico de olho, pra dar uma olhada.” E os dedinhos também, por causa do alicate, às vezes machucadinhos ou às vezes com dores no dedinho (PROFESSORA C., 2010).

Não só os problemas com a saúde das crianças trabalhadoras, mas devido à insegurança no mundo do trabalho – que se apresenta multiforme, atualmente, em virtude da instabilidade do mercado de trabalho, – é que se veem ampliadas as condições para o mercado informal florescer, uma vez que a crescente massa de trabalhadores vai perdendo seus antigos direitos e passa a trabalhar sob uma nova ótica do capital. Essas condições refletem na vida das crianças, que veem na informalidade uma possibilidade de sustento.

Nessas condições de instabilidade, o trabalho familiar encontra nas empresas de joias folheadas e bijuterias, em Limeira, uma opção de angariar recursos financeiros imediatos, inserindo as crianças nesse processo de produção doméstica, como aponta Ferreira:

O trabalho infantil ou dos menores, como é chamado, pode ser relacionado com a manufatura das jóias e bijuterias por estar

intimamente ligado ao trabalho de parentes mais próximos, ou seja, o trabalho de mães, irmãs e irmãos que, ao realizarem trabalhos dentro de casa, propiciam e incentivam que os menores participem do mesmo. (FERREIRA, 2005, p. 18)

Esse incentivo fica visível nas entrevistas, em que foi possível perceber o consenso entre essas famílias de que é muito melhor ter a criança dentro de casa, ajudando com as peças, do que na rua, expostos a todo tipo de *má influência*, como foi possível observar nas falas de algumas mães:

Às vezes eles fazem, assim, trezentas peças no correr do dia, mas aí é uma vez, duas vezes por mês. O que eu gostaria, mesmo, é que eles trabalhassem, chegassem da escola e se ocupassem pra não ficar na rua igual eu vejo tantos por aí. De um, vai formando uma corrente e emendando os outros porque eu acho assim: se eles tivessem aqui dentro de casa e tiverem o que ocupar, eles não estariam aprendendo coisa errada na rua, igual têm vários aí. A gente não tem nada a ver com a vida dos outros. As mães estão ali trabalhando, se matando enquanto os meninos estão tudo ali misturado com os grandões, incentivando. Então, por mim, eles estariam trabalhando, mas a ordem hoje em dia é: as crianças não podem trabalhar, tem que ser de maior, o que que acontece? É onde que eu acho que a maioria, o erro que está sobre essas crianças, sobre essa criação de hoje em dia, desses que estão nessa vida é por causa disso daí. Tem a proteção. Você não pode bater, você não pode corrigir, você vai xingar as crianças, mas você passa perto de um psicólogo a voz de casa sou, “ah você grita com as crianças”, às vezes eu grito. “Você gostaria que gritassem com você?” Não. Então isso aí já vai incentivando eles e qualquer coisa que você fala, eles já vão partir para isso daí. Eu acho que a maioria das crianças que tá desse jeito vem de lá de fora. Falar que diz que a educação vem do berço, mas não é não. Nós somos onze. Somos criados em onze filhos e, graças a Deus, um nunca deu problema para o meu pai porque do jeito que meu pai criou nós, nós queríamos criar os meus, mas... (MÃE 1, 2010).

Para esses pais, o filho em casa fica seguro, além de aprender uma profissão. É nítida, no discurso dos pais, a insatisfação perante os órgãos responsáveis pela proteção da criança, como o Conselho Tutelar, o apoio comunitário, uma vez que eles veem no trabalho uma forma de libertação das drogas e da violência encontrada nas ruas.

É com esse incentivo no seio familiar que a criança encontra o “conforto” do trabalho, onde a sua ajuda se torna importante para auxiliar nas necessidades da família. Uma vez que essa criança começa com uma “simples” ajuda na contagem das peças, essa tarefa se tornará permanente até que ela possa ajudar em outros procedimentos com as peças. É preciso que, entre essas famílias, o trabalho com as bijuterias seja visto com mais clareza, pois a maioria das pessoas que executam esse trabalho nos lares, não tem

o conhecimento dos riscos que ele pode causar, quando executado sem a qualificação necessária. Se há riscos para um adulto, maior o risco para uma criança que não está apta a esse tipo de função e aos instrumentos de trabalho que não são, para ela, projetados.

Essa situação demonstra como o sistema capitalista cria formas de exploração do trabalho, reinventando os mecanismos de exploração da força de trabalho, o qual acaba punindo suas crianças

pela adversidade das condições materiais de existência. Como tantas outras, carentes de alimentação, de habitação de saúde, de escolarização e de lazer, enfim, destituídas dos direitos que deviam fazer de seu universo um mundo eminentemente infantil, um mundo onde realidade e o caráter lúdico da convivência com os outros se encontram entrelaçados em uma unidade indissociável. (ADORNO, 1993, p.185)

E atos simples, como estudar e brincar, que, para muitas pessoas parecem ser um direito ou um fato natural da existência infantil, tornam-se um luxo para as crianças trabalhadoras, pois os brinquedos são as suas ferramentas de trabalho, como tem ocorrido com as crianças que trabalham com as joias e bijuterias em Limeira.

CAPÍTULO 2

Relação entre trabalho e educação: as influências que o trabalho exerce na educação das crianças que são expropriadas, inclusive, do direito à educação.

2.1 “O trabalho de pai para filho”.

A entrada da criança no mundo do trabalho envolve ações de níveis econômicos, sociais, simbólicos, culturais e históricos, como a construção da identidade. Para um pai, que é culturalmente encarado como o responsável pela proteção de sua família, o que inclui o sustento dos seus membros, muitas vezes é desconfortável permitir que uma criança ajude na complementação do orçamento familiar.

(...) a dependência do trabalho infantil para a complementação da renda familiar debilita a força simbólica da autoridade do pai, tido como principal “provedor” pelo grupo (...). Este pai acaba sendo cobrado pela sua falta de responsabilidade sem uma compreensão do contexto de violência estrutural no qual são inseridos como trabalhadores explorados, desempregados, etc. (MARQUES, 2001, p. 126)

A organização dos papéis e das funções familiares possibilita-nos perceber que, quando há o comprometimento de alguma fronteira simbólica, a qual define as atribuições e as responsabilidades de cada membro da família, eles são atingidos por mecanismos de ação e retroalimentação simultâneos. Nesse sentido, pode se observar que tarefas são deslocadas e até descentralizadas de uma figura para outra (MARQUES, 2001, p.126). Por outro lado, Marques coloca, ainda, que os genogramas¹⁵, de um estudo feito, se contrapõem ao fato de uma construção de identidade da forma acima apresentada, e que esta pode aparecer da seguinte maneira:

¹⁵ Um genograma pode ser definido como a representação gráfica de uma família, podendo conter, em um mesmo esquema, os membros da família estudada e mais três gerações da mesma, analisando as relações que as unem, a qualidade da relação e as informações genéticas e psicossociais que as ligam.

(...) o trabalho infantil representa uma circularidade que se repete por, pelo menos, três gerações nas famílias estudadas. Esse fator histórico configurou-se como um traço da identidade familiar, uma estratégia transmitida para enfrentar situações de precariedade, pois quando se aprende a “tirar uma casa da rua” por meio da mão-de-obra infantil fica difícil romper com esse ciclo cultural. Tal evidência mostra o “fatalismo histórico” atribuído à ocorrência desse enredo transgeracional¹⁶. Nesses momentos, observam-se os perigos de uma visão estática em relação ao conceito de identidade, pois não se concebe a emergência de metamorfoses na sua configuração. Numa perspectiva dialética ocorre o oposto; valoriza-se a contradição e faz-se dela o principal instrumento de mudanças para novas construções. (MARQUES, 2001, p. 127)

Para um “pai de família” seria muito mais constrangedor ter que ver sua família sem moradia, sujeitando-se às situações de exposição e de humilhação, além dos perigos encontrados na rua como tentativas de rapto, estupro, atropelamentos. Essa preocupação dos pais já se dá há muito tempo. Como exemplo, temos o sofrimento das crianças trabalhadoras na Inglaterra – o que um pai jamais deseja a um filho.

(...) os próprios pais das crianças são unânimes em afirmar que o atual sistema de trabalho é um fator muito importante de imoralidade. Threaders, na maioria meninos, e winders, na maioria meninas, são chamados ao trabalho à mesma hora, muitas vezes no meio da noite, e como os pais não podem saber por quanto tempo ficarão fora de casa, essa é a melhor ocasião para iniciar relações pouco convenientes e vagabundear juntos depois do fim do trabalho. Essa é uma das causas principais da imoralidade (...). (ENGELS, 2010, p. 227)

Tendo esse cenário como pano de fundo para uma vida degradante, o trabalho infantil acaba sendo visto como um valor que o menor tem, pois, assim, com o seu auxílio, consegue ajudar sua família. Percebe-se, portanto, que o conceito de identidade deve ser considerado com base no contexto social de cada família estudada.

Tendo isso em mente, podemos nos perguntar quantas foram às vezes que já ouvimos alguém mais velho enfatizar que, quando era mais jovem, teve que trabalhar para o auxílio e o sustento da família e que esse fato não o prejudicou de forma alguma, ao contrário, ajudou-o a se tornar um adulto responsável.

É com esse pensamento que nos deparamos em Limeira. Para os pais, é muito mais importante que o filho ajude no orçamento familiar do que vá para escola “perder tempo”. Esse discurso se torna hegemônico uma vez que, entre esses pais, o nível de

¹⁶ O termo transgeracional é atribuído às “marcas” recebidas por meio da história familiar, que afetam a posição de pais e mães e acabam por influenciar nas escolhas feitas pelos filhos.

escolaridade é baixo e é quase nula a perspectiva de crescimento econômico – fato que ficou evidente nas entrevistas feitas com o corpo docente da escola estudada, como podemos perceber na fala da Diretora:

(...) Os pais, em geral, são pessoas com escolaridade baixa que tem uma péssima impressão sobre a escola, e estão imprimindo nas crianças mais ou menos o mesmo destino, ou seja, na medida em que a gente não pode deixar..., apesar de muitos considerarem esse ser um discurso ultrapassado, nós não podemos deixar de considerar que existe uma relação de escolaridade e renda no nosso país. Em outros países, isso pode não se dar com tanta ênfase, mas todos os estudos, inclusive os mais recentes, mostram a relação que existe entre escolaridade e renda. Então, nós não podemos negar este fato. E nesta comunidade isso fica muito evidenciado porque, na medida em que eles vão submetendo as crianças ao trabalho, seja ele de que natureza for, inclusive no setor de semijoia, a gente vai imprimindo, também, um desempenho menor e uma inclusão menor das futuras gerações no trabalho. Isso deixa a escola com uma tarefa: o que que nós temos feito? Nós temos discutido com as crianças, nós temos discutido com os pais de uma maneira muito tranquila porque não se trata também de fazer as denúncias e tirar dessas famílias a renda. Não posso fazer isso. Nós julgamos e decidimos no coletivo de professores que não é essa a estratégia. A estratégia é ir mostrando para os pais como eles podem fazer pra acessar outros benefícios do Governo Federal, do Municipal e deixar que as crianças estudem. Mas é muito difícil porque a gente tem um cotidiano que grita, e muitas vezes essas famílias sucumbem. Não só por aspectos financeiros, mas também por aspectos culturais que estão postos e que não é denunciando as famílias que eu, que nós decidimos lutar com isso. É esclarecendo, fazendo trabalhos, mostrando o que uma criança perde, devolvendo para a família, com muita cautela e bondade, aquilo que é dela. Porque senão a escola tem que assumir algumas coisas que não são características mesmo. Então, aqui, devagar nós estamos tentando imprimir em toda reunião de pais essa pauta, abordando isso de uma maneira multifacetada, ora falando do desempenho e do direito que a criança tem, que não é a família que escolhe a recuperação ou não. Essa criança já é portadora de um direito de fazer. E aí, sim, eu denuncio. Aí se o pai não traz, eu denuncio. Ou como que estratégias ela poderia fazer para compor? Que outros recursos ela poderia se utilizar, não é? Mostrando para elas, na verdade, que marcas ela deixa quando uma criança não tem oportunidade de ter uma escolarização tranquila (DIRETORA A. 2010).

É nesse cenário degradante de exploração da mão de obra infantil, que o trabalho das crianças com joias e bijuterias se caracteriza em Limeira. Um trabalho terceirizado, familiar, na maioria das vezes exploratório e perigoso, uma vez que, na casa dessas famílias, os utensílios de trabalho não estão adaptados para uma criança, o que pode lhe causar acidentes, além dos riscos à saúde, como relatou Ferreira:

Os processos manufatureiros da indústria de jóias e bijuterias estão intimamente ligados às diversas doenças ocupacionais, tais como relacionadas com montagens ou soldagens, ou seja, as LER/DORT (Lesão por esforço repetitivo/ Doenças Ósteo-muscular Relacionada ao Trabalho), exclusivamente relacionadas aos trabalhos e soldagem, que propiciam, entre outros, inalações de fumo metálico e gases, assim como os trabalhos relacionados com acabamentos de superfície, incluindo-se os banhos com produtos químicos e tóxicos, elevados teores de compostos à base de cianeto, banhos ácidos e alcalinos, induzindo a formação de tumores malignos – câncer, lesões em órgãos, entre outros a pele (FERREIRA, 2005, p. 17 - 18).

Pensando na importância do assunto dentro da pesquisa desenvolvida aqui, muito foi questionado, entre as pessoas que trabalham com a solda e os banhos com produtos químicos, sobre o risco que isso tem para essas pessoas. O discurso entre eles foi sempre o mesmo: de que esses processos de soldagem e de banho não faziam mal à saúde e que entre as pessoas que trabalhavam com esses processos nunca tinha sido diagnosticado nenhum caso.

Foi com essas questões, as quais envolvem o trabalho terceirizado, informal e ilegal, que encontramos muitas crianças servindo como força de trabalho de baixo custo. Por meio de registros e de dados, pode-se problematizar a questão do trabalho infantil, discutindo sobre suas implicações para as crianças trabalhadoras no Brasil, que constituem apenas uma parte do processo global, que só tende a piorar a situação dessas crianças, afastando-as, cada dia mais, de terem uma vida digna e poderem levar uma vida infantil¹⁷ – uma vez que, mesmo sendo trabalhadores, não deixaram de ser crianças. Sendo assim, é preciso se repensar as formas de sanar esse tipo de exploração, levando em conta que muitas crianças estão inseridas no mercado de trabalho para conseguir angariar fundos ao menos para as necessidades mais primárias, como comer.

2.2. O trabalho infantil pode ter um caráter educativo?

Muitas são as questões que devem ser analisadas antes de se generalizar o trabalho das crianças como um trabalho exploratório. Existem crianças que exercem tipos de trabalho que podem realmente auxiliá-las em seu desenvolvimento, dando-lhes,

¹⁷ A vida infantil a que me refiro é o momento da vida em que a criança pode brincar sem ter um trabalho regular e obrigatório, para o próprio sustento ou dos demais familiares, e suas representações como adulto possam ser meramente simbólicas.

por exemplo, responsabilidade, mas, a partir do momento em que o trabalho começa a interferir na vida escolar e na hora da brincadeira das crianças, se fazem necessárias alternativas socioeconômica, política e escolar, para que não seja negada uma fase da vida tão importante para elas.

Nesse sentido, Manacorda explica que Marx via no trabalho de fábrica uma função educativa, e que, abolindo seus aspectos mais alienantes, poderia até desenvolver uma função libertadora, como podemos perceber:

(...) no texto de Marx, há um acréscimo que chama muito a atenção: a demanda para abolição da atual forma de trabalho das crianças nas fábricas. Um esquecimento de Engels? Certamente, mas motivado por sua utópica fé no automatismo da eficácia transformadora do moderno sistema de produção. E como não ver, nesse acréscimo de Marx, a continuação implícita da sua polêmica contra o ensino industrial, proposta preferida dos burgueses? Em todo caso, é compreensível que, após a exigência da abolição do trabalho das crianças nas fábricas, mesmo que sob sua forma atual, Marx prefira evitar, no mesmo contexto, o uso da expressão *industrielle*, que, sem aquela abolição, não representa uma hipótese positiva. Parece, de qualquer modo, que se pode afirmar que Marx, ao aceitar o princípio da união do ensino ao trabalho material produtivo, exclui, no entanto, qualquer instrução desenvolvida na fábrica capitalista, tal como essa se apresenta, porque, para ele, a fábrica não é um sistema que elimina a divisão do trabalho, mas antes um sistema que, unicamente pela intervenção política (que não se reduz apenas às medidas e insuficientes), poderá, ao abolir seus aspectos mais alienantes, desenvolver uma função libertadora (MANACORDA, 2007, p. 40-41).

Para esses autores, o trabalho infantil não é obra do capitalismo, mas esse sistema criou condições para que as crianças se transformassem em adultos precoces e fossem destituídas de uma tradição de relações familiares e de vizinhança, na qual se permite a sua reprodução enquanto criança. Outros autores, baseando-se em Marx e Engels, também expuseram a necessidade da articulação entre o trabalho e a educação e como essa relação poderia ocorrer de forma satisfatória. Neste sentido, Dermeval Saviani, afirma que

Marx e Engels insistiram, em praticamente todas as obras, quanto à necessária articulação entre trabalho produtivo e formação intelectual, entendendo que essa relação deveria ser aberta a todos os educandos, e não somente aos filhos dos trabalhadores. Não se tratava de um mero ensino técnico, da aprendizagem de um ofício, mas de uma concepção de educação fundada na articulação entre ensino com o trabalho produtivo pago. A articulação entre trabalho e educação tem sido exaustivamente pesquisada e teoricamente debatida. Parece haver relativo consenso de que essa análise marxista expressa que “trabalho

e educação são atividades especificamente humanas”, no sentido de que “apenas o ser humano trabalha e educa” (SAVIANI, 2007, p. 152).

José Claudinei Lombardi, ao discutir esta questão, tomando como fundamento a obra de Marx e Engels, afirma que:

essa articulação entre trabalho e educação, teoricamente, é tratada como um modo de ser do homem, como meio de produzir sua própria existência. Ao buscarem a distinção do homem dos demais animais expressam que não é a consciência (ou cultura) que distingue os homens dos outros seres, mas o *modo de produção* de seus meios de vida (...) (LOMBARDI, 2010, p. 231-232).

É com essas palavras que entramos no entendimento, já bastante discutido por vários autores, de que o homem difere do animal por ser capaz de fazer com que a natureza se adapte às suas necessidades, ao contrário dos animais, que se adaptam a ela sem modificá-la para sua necessidade. Esse poder de mudança que o homem exerce na natureza é mais conhecido por nós como Trabalho, que é a materialização da “essência humana”.¹⁸

O trabalho precoce geralmente promove efeitos negativos no desenvolvimento físico e educacional, impedindo o jovem de se dedicar a atividades extracurriculares, como atividades lúdicas e sociais próprias de sua idade, trazendo isolamento dos jovens entre seus pares e familiares (WESTPHAL, 2002, p. 268).

Muitas são as questões que envolvem esse tipo de reflexão sobre o trabalho infantil como sendo educativo. Faz-se relevante destacar a existência de uma ampla literatura que defende o trabalho como sendo educativo, e essa afirmação suscitou discussões sobre o que seria, afinal, esse trabalho, e ele pode ser efetivado de forma positiva.

Muitos autores definem o trabalho como educativo, mas de diferentes formas. A exemplo, temos Pistrak, que contrapõe seu ideal de escola e trabalho com o de alguns autores. Sobre esse tema, esse autor define:

¹⁸ (...) o sentido marxista de *essência humana* não é o da metafísica: como um conjunto de propriedades imutáveis e eternas do homem, como algo dado ao homem, uma dádiva divina ou natural. Ao contrário, a essência humana é usada no sentido de característica fundamental dos homens, sendo esta produzida pelos próprios homens. O que o homem é, o é pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se profunde e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico (LOMBARDI, 2010, p.232 – grifo meu).

(...) o trabalho, qualquer trabalho, é uma base excelente de *educação*, permitindo resolver os problemas de pura educação, mas não de ensino. Graças ao trabalho o homem se torna disciplinado e organizado: é preciso ensinar o amor e a estima em geral. O trabalho eleva o homem e lhe traz alegria; educa o sentimento coletivista, enobrece o homem e é por isso que o trabalho, e particularmente o trabalho manual de qualquer tipo, é precioso como meio de educação (PISTRAK, 2000, p.48).

Para esse autor, a relação entre o trabalho e a escola deve ir muito além do que é colocado. Essa relação deveria ter um caráter real, que seria a preocupação com a realidade atual, jamais separando o ensino da educação. Lembrando que a reflexão de Pistrak é feita a partir de uma formação dentro do modelo revolucionário.

Em contrapartida, no Brasil, a discussão sobre o trabalho infanto-juvenil perpassa pelas leis que defendem e amparam a criança trabalhadora, tendo o Estado um caráter protetor, tanto no que diz respeito ao benefício individual do trabalhador, em relação principalmente à marginalidade, quanto no que diz respeito ao amparo de sua família pelo fato de seu trabalho auxiliar a renda familiar. Também é discutida a importância da escola e o fato de que o trabalho exercido pela criança não pode afetar sua assiduidade nem seu desempenho escolar.

Segundo essas discussões, a escola é necessária para a criança e para sua família, uma vez que, estudando e trabalhando, a criança não está tão suscetível à vida marginal e, ainda, contribui com a renda familiar. No entanto, muitas são as discordâncias em torno da idade a partir da qual a criança pode trabalhar, do tempo de sua jornada de trabalho e da obrigatoriedade escolar.

Em Marx e Engels, via-se a necessidade do trabalho da criança juntamente com a educação. De acordo com Manacorda, a posição desses autores em relação ao trabalho infantil era a seguinte:

Nas instruções (MARX; ENGELS, 1962, p. 192 - 195), Marx, tendo definido como progressiva e justa (apesar da maneira horrível como se realiza) a tendência da indústria moderna de fazer colaborar na produção crianças e adolescentes dos dois sexos, e tendo reforçado a tese de que, a partir de nove anos, toda criança deve-se tornar um operário produtivo, e de que todo adulto deve, segundo a lei geral da natureza, “trabalhar não apenas com o cérebro, mas também com as mãos”, propõe subdividir as crianças, para fins de trabalho, em três classes ou grupos – dos 9 aos 12, dos 13 aos 15 e dos 16 aos 17 anos – com horários diários, respectivamente, de 2, 4 e 6 horas. Portanto, após ter acrescentado que o ensino pode começar antes do trabalho, mas que, para o momento, trata-se de fixar as medidas absolutamente

necessárias, retoma o tema – que já havíamos encontrado nos dois textos do período 1847 – 1848 – do poder político democrático que deve servir aos fins imediatos do socialismo. (...) Assim, seu discurso atinge, pela primeira vez, uma autêntica e pessoal definição do conteúdo pedagógico do ensino socialista (MANACORDA, 2007, p.43-44).

Manacorda avança em seu raciocínio, utilizando, ainda, as palavras do próprio Marx, ao afirmar que por ensino entendemos três coisas:

Primeira: ensino intelectual;

Segunda: educação física, dada nas escolas e através de exercícios militares;

Terceira: Adestramento tecnológico, que transmita os fundamentos científicos gerais de todos os processos de produção e que, ao mesmo tempo, introduza a criança e o adolescente no uso prático e na capacidade de manejar os instrumentos elementares de todos os ofícios (MANACORDA, 2007, p.43-44).

De acordo com Manacorda, esta situação avançaria com o gradativo avanço da divisão do ensino após os 9 anos de idade, conforme a argumentação de que

Com a divisão das crianças e dos adolescentes dos 9 aos 17 anos em três classes deveria estar vinculado um programa gradual e progressivo de ensino intelectual, físico e tecnológico (...) A união do trabalho produtivo remunerado, ensino intelectual, exercício físico e adestramento politécnico elevará a classe operária acima das classes superiores e médias (MANACORDA, 2007, p.43-44).

Ao se pensar na realidade atual, aos olhos dos mais puritanos e desconhecedores da realidade do século XIX, pode parecer precoce, e até horrível, alguém considerar que crianças, a partir dos 9 anos, comecem a trabalhar como operários produtivos, mas não podemos deixar de considerar o fato de que, na época tratada pelo autor, as crianças começavam a trabalhar muito mais novas e por muito mais tempo, transformando o que está escrito em uma solução mais amena para a vida dessas crianças *na época em questão*.

Quanto à definição de ensino socialista, que compreende a escola associada ao trabalho produtivo, que, segundo Manacorda (2007), Marx definirá pela primeira vez, podemos observar que ela se deu efetivamente na Colônia Gorki, como descrita por Makarenko (2005), onde as crianças tinham o ensino intelectual, a educação física, por meio de exercícios militares, e tinham, também, a iniciação tecnológica e científica por

meio de oficinas de trabalho, que os iniciavam no ofício dando, assim, oportunidade de emprego e qualificação a esses estudantes.

Os colonistas, como eram chamadas essas crianças que viviam em uma colônia, eram automaticamente educandos e trabalhadores. Essa relação de trabalho e ensino, segundo os relatos feitos por Makarenko¹⁹ (2005), acabou por ter êxito, mesmo sendo a sobrecarga de trabalho uma característica da Colônia.

É com essa relação intensa de trabalho que os educadores e colonistas conseguiram, depois de alguns anos na Colônia, fazer com que ela se auto-suprisse economicamente, além de trazer, entre os alunos, uma grande compreensão da importância do trabalho associado aos estudos, para assim poderem atingir sua “independência” cultural e econômica no interior da sociedade socialista vigente na época. Aqui o trabalho aparece como um princípio educativo e não como a simples venda de força de trabalho.

Esse trabalho infanto-juvenil na antiga União Soviética, praticado por menores infratores e/ou órfãos na Colônia Gorki²⁰, era dividido por turmas, que se definiam como “destacamentos mistos” e que, segundo Anton Makarenko (2005), cada misto ficava encarregado de executar uma função dentro da Colônia.

O primeiro misto trabalhava desde as seis da manhã até o meio-dia, e o segundo, do meio dia até as seis da tarde. Os destacamentos mistos

19 De 1920 a 1928, Makarenko esteve à frente da direção da Colônia Gorki, instituição rural mais conhecida como “Colônia”, a qual atendia crianças e jovens órfãos que viviam na marginalidade. Durante esse período, colocou em prática uma maneira eficaz de educar, segundo seus relatos no livro *Poemas Pedagógicos* (2005). De acordo com a pedagogia de Makarenko, o jovem deveria ser educado em uma escola baseada na vida em grupo, no autocontrole, no trabalho e na disciplina. Os jovens, além de seguirem regras disciplinares, eram ouvidos e podiam opinar a respeito das regras em reuniões e votações. Essas ações, segundo o autor, os deixavam mais abertos aos métodos educacionais.

²⁰ A colônia levava o nome do escritor Gorki pela importância que os colonistas atribuíam aos feitos desse autor. Gorki nasceu em um meio social pobre, em Nizhny Novgorod, cidade que, em 1932, passou a se chamar *Gorki* por ordem de Stalin, tendo sido seu nome revertido em 1991. Órfão de pai, foi criado pelo avô materno que era tintureiro. Em 1878, quando sua mãe faleceu, teve que deixar a casa do avô para ir trabalhar. Foi sapateiro, desenhista, lavador de pratos num navio que percorria o Volga, onde teve contato com alguns livros emprestados pelo cozinheiro, o que acabou despertando sua consciência política. Em 1883, com apenas 15 anos, publica dois romances, *Romá Gordieiev* e *Os Três*. Aos 16 anos, muda-se para Kazan, onde tenta cursar gratuitamente a universidade, porém, não consegue e, frustrado, vai trabalhar como vigia num teatro para sobreviver. Mais tarde, torna-se pescador no mar Cáspio e vendedor de frutas em Astrakan. Como a situação não melhorava, decide buscar melhores oportunidades, e viaja para Odessa com um grupo de marginais nômades que iam de cidade em cidade à procura de emprego. Assim, ele exerce várias profissões, sofre com a miséria, com a fome e com o frio. Aos 19 anos, volta a morar em Kazan, onde, desesperado com a situação e sem vontade de continuar vivendo, tenta o suicídio com um tiro, o qual atinge um dos pulmões, mas sobrevive, e adquire tuberculose. Essa experiência fatídica resultará, anos depois, em dois escritos: *Um incidente na vida de Makar*, escrito em 1892, e *Como aprendi a escrever*, publicado muito mais tarde, em 1912.

eram organizados para uma semana. A cada nova semana, a combinação das forças colonistas sempre mudava um pouco de destacamento para destacamento, muito embora certa especialização também tivesse lugar. (...) Os destacamentos mistos trabalhavam bem na lavradura, mas havia oscilações, dependentes do solo, dos cavalos, do declive do local, do tempo e outras causas, de fato objetivas (MAKARENKO, 2005, p. 358-359).

Esses mistos, como eram definidos os grupos responsáveis por cada tarefa dentro da Colônia, muito aprendiam com a prática de trabalho, pois era preciso que entre eles se desenvolvessem noções de matemática, de lógica e raciocínio rápido. O trabalho acabou se tornando uma responsabilidade entre os colonistas, e nenhum deles queria ser considerado incapaz perante o trabalho – que não era, em nenhum momento, visto como um “fardo” para os alunos, e sim como uma forma de superação e de reconhecimento dentro da Colônia.

No Brasil, a efetivação do que seria o trabalho educativo só teve uma definição quando:

(...) muito depois de experiências bem e mal sucedidas, foi muito depois de muitas tentativas de conceituá-lo [o trabalho educativo], que o direito foi chamado para formulá-lo em termo dever-ser e o fez, pela primeira vez, de modo explícito, tratando do trabalho do adolescente no art. 68 do ECA. Neste artigo se introduziu em nossa legislação a figura do trabalho educativo... (OLIVEIRA, 1997, apud FONSECA, 2003).

O trabalho educativo é entendido como atividade laboral em que as exigências pedagógicas relativas ao desenvolvimento pessoal e social do educando prevalecem sobre o aspecto produtivo, conforme o Art. 68, parágrafo primeiro da Lei 8069/90 – ECA. Nem sempre, porém, tem esse caráter, pois muitas vezes não é acompanhado, de forma sistemática, se o desenvolvimento proposto ocorre, de forma efetiva, no local de trabalho.

Além dos aspectos legais, várias são as justificativas ideológicas acerca do trabalho infantil. Setores interessados na utilização desse tipo de mão de obra se justificam alegando que crianças e adolescentes devem trabalhar, pois, inseridos no trabalho, estão protegidos dos malefícios da rua.

Alguns setores sociais reafirmam essa ideologia defendendo a continuidade dessa prática, alegando que o trabalho precoce é uma possibilidade de conhecimento de

um ofício pelas crianças, pela ocupação de seu tempo ocioso, atuando como medida preventiva contra a marginalidade e pela possibilidade de ampliação da renda familiar.

Não se pode descartar a idéia de que crianças ociosas estão mais suscetíveis à marginalidade – o que de fato pode acontecer –, mas o trabalho infantil exploratório não pode se tornar justificativa de setores empresariais sob esse ponto de vista.

A escola também, segundo alguns autores, tem sua parcela de culpa no exercício trabalho infantil, uma vez que não passa confiabilidade aos seus alunos. Existe um crescente descrédito, entre a população de baixa renda, acerca da eficácia da escola quanto ao mercado de trabalho, de quanto vale o investimento no estudo dos filhos, uma vez que, nos dias atuais, esse mercado não consegue absorver a mão de obra disponível e, quando o faz, não leva em conta sua qualificação (SARTI, 2005, p.41).

A família desses trabalhadores mais pobres constitui aí a mediação entre, de um lado, as consequências destrutivas que o ingresso precoce no mercado de trabalho acarreta do ponto de vista da falta de qualificações, melhor dizendo, de habilidades sócio-culturais, exigidas pela vida e pelo trabalho urbano, e, de outro lado, a inadequação da instituição escolar a essa clientela potencial, do ponto de vista exatamente dessas habilitações (GNACCARINI, 1993, p. 98).

Percebe-se, nesse caso, uma maneira deturpada de se ver as instituições escolares, onde a educação deveria ser encarada como uma possibilidade de se desvencilhar desse trabalho alienante, como uma alavanca para a conscientização, mas, ao contrário disso, o salário se torna o fetiche da sociedade capitalista e este sentimento é tão forte entre as camadas menos abastadas que:

(...) nele e por ele, repõe-se imediatamente a identidade da pessoa com as condições alienadas da vida e apaga-se todo o vestígio de conflito; mas, ao mesmo tempo, o salário, com esses atributos próprios da forma-dinheiro, reforça as diferenças naturalizadas nas discriminações, estabelecendo as bases morais e os incentivos motivacionais para a concorrência dos trabalhadores entre si. Para além da igualdade formal que o salário implica, essas crianças, filhas dos subalternos mais excluídos, não se espelham em nenhuma identidade possível e, portanto, em nenhuma relação real de concorrência (GNACCARINI, 1993, p.111-112).

Em Limeira, este fato é muito evidente, uma vez que o trabalho informal em domicílio contrata muitas pessoas, entre elas, as crianças.

De acordo com o corpo docente da escola pesquisada no que se refere ao rendimento escolar desses alunos, o seu desempenho em relação ao desempenho

daqueles que apenas estudam, é inferior. Isso ocorre devido ao cansaço dos alunos, e ao pouco tempo que têm para estudar e fazer as lições em casa, como foi constatado em muitas falas quando se questionava sobre o rendimento escolar dos alunos:

(...) criança não é para trabalhar, é para estudar, brincar. Ele está pulando uma etapa da vida dela. É diferente da criança que ajuda a mãe em casa organizando seu quarto, suas coisas, do que assumir um compromisso. Nós temos crianças, realmente, que assumem o compromisso do trabalho. E é obvio que influencia. Às vezes a gente via aluna, mesmo os meninos, com a pontinha dos dedos meio queimadinhas, machucada, principalmente machucadinha, acho que no apertar alicatinho da jóia, cortar, alguma coisa assim. Isso dificulta no desenvolvimento motor da escrita. Tem a própria atenção porque está cansado, foi dormir tarde porque tinha coisa pra entregar. Só que o principal é que eles não divulgam isso. A gente sabe com muito trato, aquela conversa de muito carinho, atenção que a gente acolhe. Então, ao longo do ano, você vai criando um elo de carinho, afetuoso mesmo, com os alunos você começa... Um conta uma coisinha, outro conta um pouquinho e da observação também (PROFESSORA R., 2010).

Essa falta de atenção, o sono e o cansaço, segundo as professoras de quarta série dessa escola, é recorrente em todas as turmas que têm crianças trabalhadoras. Outra professora diz o seguinte sobre a influência do trabalho na escola:

Eu tenho trinta e duas crianças, metade delas trabalham e isso atrapalha, sim. Por exemplo, sete horas é para eles chegarem um pouco mais cedo para tomar leite com bolacha que a escola oferece, mas eles já chegam atrasados, meio correndo, porque acordam por si só. Não tem alguém pra chamar eles, fazer um café da manhã, para eles se trocarem, arrumar o cabelo, não tem. Eles acordam por si só, pegam o material e vem pra escola. Aí chegam um pouco atrasados e não dá tempo de tomar esse leite com essa bolacha que a gente oferece, já desce para a classe. Eu vou ver o material e metade está faltando porque do jeito que ele pegou, ele veio e, às vezes, o irmãozinho mexeu ou ele mesmo foi fazer a tarefa, deixou pra fora e não colocou de volta. Chegando à classe quando estamos começando, parece que já vai dando tipo um cansaço porque já veio correndo já perdendo hora daí debruça na carteira, a metade faz isso, aí eu pensava “Meu Deus, o que eu vou fazer para essas crianças? Vou lá acordar?” Aí eu bato palma, chamo pelo nome deles “Olha, já tem lição na lousa, traz os cadernos para eu fazer correção da tarefa de casa”. A metade não faz a tarefa que é para fazer em casa. Daí o que eu faço? Eu sento eles em dupla e um amigo auxilia eles a fazer na classe essa lição de casa porque eu sei que no outro dia vai ter outra tarefa, e ela vai voltar sem estar feita novamente, pois já vai voltar a de hoje e a que eu vou colar pra voltar amanhã. Daí o que eu faço? Sento eles em dupla e peço pra um amiguinho, aquele com rendimento maior, sentar com esse amigo e fazer. Eu perco até o conteúdo que eu vou dar

naquele horário, naquele dia, pra aplicar pra eles e depois eu tenho que correr porque eu tirei meia hora pra ele fazer a lição, a tarefa de casa. E é assim, sabe, são crianças apáticas, acho que é cansaço. Acho até que de vitamina, não sei explicar. Eles têm um semblante assim: ele está aqui, mas parece que não está. Ele está na sala de aula, mas parece que ele não está. “Vamos, gente, vamos, atenção! Já é quase oito e meia, vamos acordando aí!” Tem que estar sempre chamando, sempre chamando. E é assim, são bem mais lentos até pra copiar uma lição da lousa. Quando eu peço pra copiar alguma coisa da apostila, um texto, demora mais ainda porque estão ele e a apostila ali, ele e o texto então é mais lento. Quando está na lousa, que falo assim “Gente onde vocês estão porque eu vou apagar essa parte. Onde vocês estão? Estão no meio, já estão no final?” “Não, a gente ainda está no meio” “Mas eu já terminei lá e já estou vindo pra cá.” Aí eu dou um tempo porque demora pra copiar a lição da lousa. Acho que tudo isso vem contribuindo. Não é porque eles não têm atenção, não sei se você vai me entender, até que eles se esforçam ao máximo, eles dão tudo deles, só que o desgaste é tão grande que no fim eles acompanham, do jeito deles, porque a força acho que é maior, a força de vontade e a gente tá sempre ali chamando a atenção, sempre estar juntinho, perto, tem que acompanhar muito de perto. Tanto que eu chamei essas crianças com essas dificuldades que eu sei que elas trabalham em casa pra frente, mais pra frente. Eu trouxe eles perto de mim. Acho que foram uma três fileiras, de comprido. Antes estavam de um jeito, aí eu vi que não estava dando certo, aí mudei pra eu sempre estar olhando porque eles ficam cochilando ou abaixam a cabeça (PROFESSORA C., 2010).

Quando questionados sobre as intervenções feitas dentro de sala de aula pela Unidade Escolar, para amenizar a diferença do rendimento dos alunos que trabalham em relação aos que apenas estudam, uma professora expôs o seguinte:

(...) Eu os coloquei na sala de reforço. Coloquei-os no reforço, conversei com a professora de reforço, “essa criança é assim, assim, assim. Esta outra está com dificuldade na matemática, esta outra está com dificuldade na produção de texto.” Pedi uma ajuda pra ela e nós duas trabalhamos juntas com essas crianças que eu percebi que o rendimento estava baixo, muito baixo (PROFESSORA C., 2010).

A segunda professora afirmou que

(...) A gente faz de tudo um pouquinho. De tudo a gente tenta um pouquinho, mas é difícil. Aqui você sabe que é muito carente, a nossa clientela é carente. Então as mães não têm como você se intrometer na vida delas de maneira alguma ou você leva uns “peteleco”. Elas são bem assim, diferente. Elas não são fácil de você lidar, não tem, não. Tem que trabalhar e acabou. Preciso do dinheiro e pronto (PROFESSORA M., 2010).

Já a terceira disse que

(...) é um trabalho, pelo menos nós tentamos, diferenciado, com atividades diversificadas, sempre estimulando, motivando, e, acima de tudo, eu adoro dar aula, eu..., e aí eu sinto muito carinho, amor por eles e é paciência. É um trabalho lado a lado, você estar do lado deles, incentivando, tendo paciência e são crianças que vão para a recuperação paralela, mas muitos não vêm para a recuperação paralela (PROFESSORA R., 2010).

Nessas conversas com os professores das turmas e com outras pessoas do corpo docente, um discurso muito recorrente falava sobre o fato de os alunos não voltarem no contraturno para as aulas de reforço, mesmo estando de recuperação. As justificativas iam na mesma direção das dadas pela representante do bairro: a da criança ter que cuidar da casa no período oposto. Outro fato importante, captado nos discursos de ambas as partes, de educadores, de representantes do bairro estudado e de pais, foi o número de falta desses alunos que trabalham ser pouco expressiva, uma vez que a maioria dessas crianças recebe alguma ajuda municipal ou governamental para frequentar a escola.

(...) olha, a mãe não deixa faltar até por causa do auxílio. Então eles falam assim: “nossa, professora! Hoje eu estou muito cansado, não quero fazer isso, não quero fazer aquilo da apostila, não quero fazer.” Eu falo: “você tem que fazer, você chegou aqui, vamos abrir o caderno, vamos abrir a apostila, você precisa fazer.” Daí, toda hora chamava atenção para esta importância, porque se você deixar de lado, ou sentado no fundo da classe é lastimável. Você tem que assumir aquele compromisso e ir com ele até o fim. Com aquela turma você encontra muitas dificuldades, bastante. Dificuldades enormes (PROFESSORA C., 2010).

É com base nessas falas que devemos levantar a discussão da importância do auxílio governamental. Esse auxílio é realmente importante para essas famílias que vivem, muitas vezes, com apenas um salário mínimo, pois se não houvesse a Bolsa Família, muitas crianças estariam trabalhando até no horário de aula. Mas cabe a pergunta: até que ponto esse auxílio não se torna apenas barganha política para “maquiar” o que verdadeiramente precisa ser resolvido? Vagas nas creches, oportunidade de empregos para os pais, projetos culturais – esses são os “auxílios” de que necessitam para que se possa desenvolver, entre essas pessoas que veem no trabalho infantil uma solução imediata para as necessidades familiares, uma mentalidade que

valorize o investimento na educação das crianças, pois, só assim, elas poderão se dedicar integralmente aos estudos e criar, entre elas, uma concepção de melhora de vida por meio da educação, e deixarem de ver no estudo apenas uma oportunidade de receberem a Bolsa Família, como podemos observar na fala da Representante do bairro:

(...) a mãe, para ela pôr um filho para trabalhar e não mandar o filho para a escola, ela vai ser prejudicada no final do mês, você entendeu? Não pode colocar o filho dela para fazer jóia, sendo que no final do mês ela tem uma Bolsa Família para receber, uma Bolsa Escola e da qual ela não vai conseguir receber porque ela não mandou o filho dela para a escola para ficar fazendo jóia. Então, eu acho que para ela, não é negócio ela fazer isso, você entendeu? (REPRESENTANTE DO BAIRRO, 2010).

Quanto à questão da dificuldade de acesso às informações sobre o trabalho infantil com as bijuterias e joias, é possível perceber que isso se dá, não apenas na escola, mas em todo o bairro pesquisado, como exposto por uma assistente social.

Alguns casos nossos, com plano profissional conseguimos identificar. Como? Uma abordagem direta com a criança, um trabalho que a gente fez com atividades lúdicas, uma conversa. Tem crianças que passam essa informação pra nós. Tem crianças que não passam e a gente pode até ficar sabendo por conta de um coleguinha ou outro “aí, fulano faz isso, fulano faz aquilo”. Mas abertura direta da mãe ou da criança, algumas não. Algumas nós conseguimos por conta de ter essa segurança com nós, essa confiabilidade que a gente passou, essa reciprocidade enquanto que frequentam aqui. Então, alguns casos a gente conseguiu detectar pelo o que a criança falou: alguns trabalham em fabricação de joias, ajudar a fabricar capacete, entrega de panfletos pra supermercados, varejões, rede comercial normal. Então tem crianças que fazem esse tipo de coisas (ASSISTENTE SOCIAL, 2010).

Através das entrevistas e de observações, foi possível perceber que, entre as crianças desse bairro, não ocorre apenas o trabalho no setor de joias folheadas e bijuterias, mas em diversos outros setores como a coleta de materiais para reciclagem, na construção civil como servente de pedreiro, entre outros, uma vez que o trabalho é visto não só como necessário para complementar o orçamento doméstico, como também uma forma de proteger a criança dos perigos da rua.

Outro ponto apontado por alguns entrevistados relaciona-se ao fato de muitas dessas crianças, por começarem a trabalhar precocemente, acabarem constituindo um lar muito cedo. Essas crianças acabam por trocar seus brinquedos por ferramentas de trabalho, assumindo, assim, muito cedo a vida de um adulto.

(...) a questão do trabalho, ela é, como eu vou dizer pra você? Nós temos crianças, por exemplo, de seis anos que fazem comida para os mais novos. Como é que eu vou dizer para ela, e ela chega aqui na porta e diz “graças a Deus eu já fiz a janta!”, ela vem buscar o menor e diz isso. Então isso do ponto de vista prático e dada à concretude que uma criança muito pequena tem de pensar, ela faz o quê? Concretamente, se ela não tivesse ali naquele horário, aquelas crianças estariam sem janta e estariam sem nenhum tipo de supervisão. Como é que eu digo pra ela que ler e escrever é importante pra ela se expressar? Me parece ser uma atividade mais subjetiva que não tem a mesma concretude do que olhar as crianças pra mãe ir trabalhar, por exemplo, do que deixar as coisas em ordem na casa. Então me parece que ela tende a valorizar mais as atividades práticas do que as atividades escolares, e existe também o ideário da própria família e da comunidade - é esta questão cultural posta. Então eu não estou brigando com uma família: é uma comunidade que tem submetido as crianças ao trabalho como se fosse a coisa mais natural do mundo. Como se isso fosse “o normal”. Também é uma comunidade que não é à toa que eles estão nessa situação. Eles também não tiveram acesso, vários acessos negados e eles vão perpetuando isso, de alguma maneira, é muito visível porque a criança não consegue, na verdade, ter um direito a infância tranquila e não é só a escolaridade: é a saúde, é a fantasia, é o direito de ser criança como qualquer outra que fica abortado. Eles se envolvem em relacionamento com outras pessoas muito cedo. Nós temos um índice altíssimo de gestação, na adolescência, no bairro. Enfim, nós temos uma porção de outros problemas que não são só o desempenho escolar. Mas é muito nítido esse desejo que eles têm de sair da casa da família, de montar uma outra família e, em geral, acabam desembocando nas mesmas condições de vida dos pais. Isso é uma coisa muito comum de nós assistirmos aqui (DIRETORA A., 2010).

Foi possível observar que esses aspectos da vida dessas crianças são culturalmente aceitáveis para as famílias que se encontram na mesma situação. Uma situação historicamente acumulada. Em contraponto à importância da frequência à aula para receber a bolsa auxílio, a normalidade que se tem em aceitar o trabalho da criança não diminui a crença de alguns pais na superação por meio do estudo. Entre a maioria dos pais, talvez pelo fato de ser uma entrevista, é unânime a importância do trabalho incorporada ao estudo, sem que haja a exclusão de um deles.

(...) Ir pra escola é importante porque é o futuro deles, o desenvolvimento deles e eles têm que ter estudo pra ter uma profissão um dia. Porque a gente trabalhar sempre por conta, trabalhar em casa, a gente não tem uma garantia, um registro. Então eles estudando pra garantir um emprego melhor lá fora, pra eles é mais garantido (MÃE I., 2010).

Pensando nisso, muitos são os aspectos positivos e negativos apresentados sobre a inserção da criança no mercado de trabalho. Alguns autores, como Pistrak (2000), afirmam que o trabalho será positivo se contribuir para o crescimento do trabalhador como pessoa ou cidadão, incorporando sentimentos de auto-estima e de realização à sua personalidade, desde que compatível e equilibrado com o seu potencial energético.

Do outro lado, como aspectos negativos do trabalho da criança, atenta-se para o fato de o trabalho precoce ser apenas numa forma de receber um salário, sem qualquer tipo de contribuição para o desenvolvimento dessas crianças e desses jovens, e, em alguns casos, ainda prejudicando a própria saúde. No campo educacional, é ressaltado que o trabalho da criança pode afetar negativamente no desenvolvimento físico e educacional, impedindo-a de se dedicar a atividades extracurriculares, e afastando-as do convívio social, principalmente, com outras crianças (WESTPHAL, 2002, p. 268).

Outro autor que frisa, com base no marxismo, como é impossível desvincular o modo de vida da criança de seu rendimento escolar, em virtude de a vida social da criança refletir diretamente no seu desenvolvimento físico e mental é José Claudinei Lombardi:

Estou afirmando, portanto, que para o marxismo não faz menos sentido analisar abstratamente a educação, pois esta é uma dimensão da vida dos homens que, tal qual qualquer outro aspecto da vida e do mundo existente, se transforma historicamente, acompanhado e articulando-se às transformações do modo como os homens produzem a sua existência. A educação (e nela todo o aparato escolar) não pode ser entendida como uma dimensão estanque e separada da vida social. Como qualquer outro aspecto e dimensão da sociedade, a educação está profundamente inserida no contexto em que surge e se desenvolve, também vivenciando e expressando os movimentos contraditórios que emergem do processo das lutas entre classes e frações de classe (LOMBARDI, 2010, p.13).

Não que Marx focasse seu estudo na educação, mas Lombardi, como tantos outros autores, compreende que não é possível se entender a educação separada da vida social, sem inseri-la no contexto em que ela surge e se desenvolve (LOMBARDI, 2010, p. 222).

Sendo assim, é possível pensar o trabalho infantil tendo um caráter educativo, como alegam as empresas interessadas no trabalho do menor, se este for executado pelas crianças sem nenhuma forma de obrigatoriedade de forma consciente e longe de qualquer risco, pois, assim, as crianças terão tempo para brincar e se dedicar ao estudo, conciliando o trabalho com uma forma de aprendizado, automaticamente ocupando o seu tempo livre com atividades que as afastem das ruas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa tentou captar o mundo das crianças trabalhadoras no setor de joias e folheados na cidade de Limeira, interior do Estado de São Paulo, contrastando essa realidade atual com as mudanças que se sucederam em relação a essa temática até os dias atuais.

Vale salientar o fato de ser muito difícil adentrar os lares dessas famílias que têm em seu seio o trabalho infantil. No bairro pesquisado, mesmo se sabendo por meio dos jornais da cidade, de entrevistas com docentes da Unidade Escolar estudada e com assistentes sociais, que muitos eram os lares onde se trabalhavam as peças de joias e bijuterias, poucas foram as casas que abriram suas portas para que se efetivassem as entrevistas da pesquisa em questão, por medo de represálias.

Foi possível perceber que, entre esses trabalhadores, há certo receio em relação à temática da pesquisa, uma vez que esse assunto é sempre tratado pela imprensa local e por outros órgãos públicos como algo extremamente danoso à vida das crianças, não colocando alternativas para sanar essa situação. Nesse sentido, as mães e pais fecham as portas de sua casa por se sentirem invadidos e incompreendidos, uma vez que é no trabalho dessas crianças que muitas famílias encontram a complementação da renda familiar para o atendimento às suas necessidades mais básicas.

Muitos pais se sentem inseguros em dar as entrevistas, pois muitos são os pais que já foram “punidos” de alguma forma pelo Conselho Tutelar, segundo eles mesmos relataram em conversas informais. Sendo assim, no bairro quase nada diziam sobre o assunto e quando questionados se conheciam alguma criança que trabalhava com as joias o assunto era sempre desviado. O medo pode ser percebido facilmente dentro do bairro.

Outro fato que chama a atenção é a incoerência dos discursos sobre o trabalho infantil. Para as famílias, é visível a importância do trabalho das crianças, pois as crianças, trabalhando, encontram-se livres das más influências da rua, e, além de ajudarem no orçamento doméstico, podem aprender um ofício desde cedo. Já os docentes da Unidade Escolar pesquisada, muito disseram sobre o mau desempenho desses alunos, pois estão sempre cansados, o que lhes prejudica o rendimento escolar.

Segundo os professores, esse fato contribui para diminuir entre os alunos a perspectiva de um novo futuro por meio da educação.

Vale lembrar que, para os pais, o trabalho dessas crianças também serve para que elas criem responsabilidades de uma vida adulta, e não acreditam que a ajuda dada por elas na fabricação das peças, tanto na montagem, na cravação como na solda, não prejudica em nada o seu rendimento escolar. Percebe-se aí um desconhecimento dos perigos causados pelo manuseio dos ácidos usados na fabricação das peças, e até mesmo no uso de ferramentas inadequadas para a função.

Em contrapartida, na escola pesquisada, os professores foram questionados não só sobre o rendimento dessas crianças trabalhadoras, mas também sobre quais medidas alternativas estavam sendo tomadas, dentro de sala de aula para que não houvesse, entre os alunos trabalhadores e os alunos que apenas estudam, um diferencial de aprendizagem. Pensando nisso, os professores enumeraram várias alternativas que aliviavam, de alguma forma, essa situação, como, por exemplo, colocar os alunos que estão mais cansados nas primeiras carteiras, deixar que no início da aula eles se juntem com algum coleguinha de sala para fazer a lição de casa – uma vez que esses alunos trabalhadores geralmente não têm tempo de fazer o dever de casa –, fazer com que a aula não se torne cansativa, entre outras.

As professoras e a diretora lembraram, ainda, o fato de a escola montar projetos de reforço para os alunos que estão atrasados em relação aos outros alunos, e de poucas serem as crianças que participam desses projetos, pois eles acontecem no contraturno, horário em que as crianças estão trabalhando ou ajudando nos afazeres domésticos, para que os pais, geralmente as mães, possam trabalhar as peças.

Outra dificuldade encontrada foi o fato de não haver muitos dados empíricos, além das entrevistas, que comprovassem a diferença de rendimento escolar de um aluno que trabalha e de um aluno que apenas estuda, uma vez que a escola tem em sua formação um método de ensino diferente das tradicionais, onde os alunos devem conquistar certas habilidades até o final do bimestre tendo, na produção de texto sua aprovação, não sendo avaliados por notas, são apenas aprovados e reprovados. Para a Unidade Escolar, essa formação se dá de forma satisfatória uma vez que a escola já recebeu prêmios pelo método, mas para a pesquisa foi um pouco nebuloso uma vez que não havia os boletins, os quais explicitariam essas diferenças de rendimento. Por meio da pesquisa foi possível levantar as duas vertentes do trabalho infantil em Limeira: a

dos pais e suas crianças e dos professores, assistentes sociais, diretores e mídia local. Não podemos esquecer que essas crianças se encontram amparadas pela Lei, uma vez que o trabalho exploratório é considerado um crime.

O que é preciso saber identificar é quando esse trabalho, em casa, com as peças, torna-se mais que uma ajuda, passando a ser uma obrigação, prejudicando assim o desenvolvimento físico e mental dessas crianças. Não podemos apenas criticar os pais, é preciso se pensar formas para que esse trabalho infantil com joias e com tantas outras coisas não se efetive de forma irregular e exploratória. Para que os pais não se utilizem desse tipo de mão de obra é preciso que eles tenham oportunidade de emprego, além de uma cultura da não utilização do trabalho infantil de forma exploratória.

Somente com base nas leis de proteção à criança trabalhadora e nos dados do IBGE – PNAD é possível ter a percepção de que realmente existe uma *teoria de proteção integral* a essas crianças, mas que, em suma, não passam de meras teorias, que raramente são efetivadas pelos órgãos federais, estaduais e municipais, aumentando ainda mais a desigualdade social, econômica e cultural – o que acaba levando nossas crianças, cada dia mais cedo, para o mercado de trabalho, para que assim consigam angariar o mínimo para sua sobrevivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, A, SORJ, B.; JORGE, Â. Desigualdade de gênero e raça: o informal no Brasil em 1990. **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, v. ESP, 1994.
- ADORNO, Sérgio. A experiência precoce da punição. In: MARTINS, José de Souza (Coord). **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 1993. p.181-208.
- ARENTH, Hannah. 1906 – 1975. **A condição humana**. 10ª ed. Trad. de Roberto Raposo. Posfácio de Celso Lafer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BEZERRA NETO, L.; SILVA, E. P. E. ; Bezerra, M. C. S.; LOCALI, T. T. O trabalho infantil na indústria de semi-jóias e suas repercussões nos processos de escolarização. **Revista HISTEDBR On-line**, v.1, p. 264-284, 2009.
- BEZERRA, M. C. S.; BEZERRA NETO, L. **Reestruturação Produtiva, Flexibilização e Precarização Social: Impactos no processo de escolarização dos filhos dos trabalhadores na indústria de Semi-jóias**. In: VI Seminário do Trabalho, 2008, Marília. VI Seminário do trabalho: Trabalho, Economia e Educação. Marília: UNESP - Marília, 2008.
- BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990 e legislação correlata. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 7.ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2010. 223p.
- CAMPOS, Maria Machado Malta. Infância abandonada: o piedoso disfarce do trabalho precoce. In: MARTINS, José de Souza (Coord.). **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 1993. p. 117-154.
- DAUSTER, T. Uma infância de curta duração: trabalho e escola. **Cad. Pesq.** São Paulo, 1992.
- ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de Rosa Camargo Artigas. São Paulo: Global, 1985. 391p.
- ENGELS, F., **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Trad. de B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010. 383p.
- ERIKSON, E.. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editora, 1971.
- FAORO. Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 3. ed. rev. São Paulo: Globo, 2001.
- FERREIRA, Marcos Antonio Libardi. **Estudos de risco à saúde do trabalhador e ao meio ambiente na produção de jóias e bijuterias em Limeira-SP**. Piracicaba, UNIMEP, Engenharia de Produção. Dissertação de Mestrado, 2005.
- FRIGOTTO, Gaudêncio (Org). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2001.Ok
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **A Produtividade da escola improdutiva**. São Paulo/Campinas: Cortez/ Autores Associados, 1984. Ok

FONSECA, João César de Freitas. **Adolescência e trabalho**. São Paulo: Summus, 2003. Ok

FRANCISCHINI, R; OLIVEIRA, I.C.C. Direito de brincar: as (im)possibilidades no contexto do trabalho infantil produtivo. **Psico USF**. Vol 14 n° 1. Itatiba, abril. 2009.

GITAHY, Leda; LEITE, Márcia de Paula (Org.). **Novas tramas produtivas: uma discussão teórico-metodológica**. São Paulo: Editora SENAC, 2005. (Série Trabalho e Sociedade).

GNACCARINI, José Cesar. O trabalho infantil agrícola na era da alta tecnologia. In: MARTINS, José de Souza (Coord.). **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 1993. p. 81-116.

GOMES, J. V. Vida familiar e trabalho de crianças e de jovens pobres. **Paidéia**, 6, 45 – 61p. 1998.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Trad. de Waltensir Dutra. 20ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 318 p. HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 7.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

KASSOUF, Ana Lúcia. O que conhecemos sobre trabalho infantil? **Nova Economia**. Vol. 17 n° 2. Belo Horizonte May/Aug. 2007. Versão eletrônica disponível em: http://www.scielo.com.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010363512007000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

KOSMINSKY, E. V. **Crianças e adolescentes pobres: um estudo dos indicadores sociais utilizados no Brasil**. 1993. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). LAVINAS, Lena. Programas de garantia de renda mínima: perspectivas brasileiras. Rio de Janeiro: IPEA, 1998. (Texto para Discussão, n.596).

LOMBARDI, José Claudinei. **Reflexões sobre educação e ensino na obra de Marx e Engels**. Campinas, SP: [s.n], 2010.

MAKARENKO, Anton. **Poemas Pedagógicos**. Trad. de Tatiana Belinky; Posfácio de Zóia Prestes. São Paulo: Ed. 34, 2005.

MANACORDA, Mário Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. Trad. de Newton Ramos de Oliveira. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

MARQUES, W. E. U. **Infâncias (pre)ocupadas: trabalho infantil, família e identidade**. Brasília: Plano, 2001.

MARTINS, José de Souza. **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Ciências Humanas, Capítulo VI Inédito de O capital, 1978. 151p.

_____. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Livro 1 (v.1; v.2) e 3 (v.5), 1974.

- MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- NORONHA, Olinda Maria. **Ideologia, trabalho e educação**, Campinas, SP: Editora Alínea, 2004.
- OLIVEIRA, I. C. C. **Direito de brincar**: as (im)possibilidades no contexto de trabalho infantil produtivo. (s/d).
- PISTRAK. **Fundamentos da escola do trabalho**. Trad. de Daniel Aarão Reis Filho. 5ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- POCHMANN, Márcio. Desempregados do Brasil. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, Parte I (A explosão do desemprego e as distintas modalidades de precarização do trabalho), 2006. p. 59-73.
- RAMALHO, José Ricardo; MARTINS, Heloísa de Souza (Org.). **Terceirização**: diversidade e negociação no mundo do trabalho. São Paulo: HUCITEC/ EDI-NETS, 1994.
- SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- SILVA, Reginaldo de Souza. **O processo educativo de crianças trabalhadoras na rua**. São Carlos: UFSCar, 1997. 208 p. Mestrado (Metodologia de ensino). Orientador: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Banca: Profa. Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva; Profa. Dra. Maria Waldenez de Oliveira; Profa. Dra. Maria Stela Santos Graciani; Prof. José Fernando Siqueira da Silva-UFSCAR. CECH. Ed.
- SORJ, Bernardo. **A democracia inesperada**: cidadania, direitos humanos e desigualdade social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- SOUZA, José dos Santos. **Trabalho, educação e sindicalismo no Brasil**. Campinas: SP: Autores Associados, 2002.
- THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- WESTPHAL, Márcia Faria (Org.). Violência e criança. São Paulo: EDUSP, 2002. 313p. In: **Revista Trabalho & Educação**, nº 8 Núcleo de Estudos sobre trabalho e educação. FaE/UFMG. jan/jun, 2001.

Sites da Internet

http://www.interaide.org/praticas/pages/urbain/social/ASMAE_genoport.htm

<http://www.fundamentalpsychopathology.org/anais2006/5.52.1.htm>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Máximo_Gorki

<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u580.jhtm>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Anton_Makarenko

www.gazetadelimeira.com.br

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1455&id_pagina

<http://www.areaseg.com/ler/queeler.html>

<http://www.limeira.sp.gov.br/secretarias/habitacao/files/historico/index.htm>